



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UNB

UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL – UAB

FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE

CURSO DE PEDAGOGIA A DISTÂNCIA

SONIA SENA DE SOUZA

**UMA INVESTIGAÇÃO SOBRE DIFICULDADES DE
APRENDIZAGEM NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO
DOS ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL DE UMA
ESCOLA DA REDE MUNICIPAL DE ENSINO EM
CARINHANHA – BA**

CARINHANHA/BA- 2013

SONIA SENA DE SOUZA

**UMA INVESTIGAÇÃO SOBRE DIFICULDADES DE
APRENDIZAGEM NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO
DOS ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL DE UMA
ESCOLA DA REDE MUNICIPAL DE ENSINO EM
CARINHANHA – BA**

Monografia apresentada como requisito parcial
para obtenção do título de Licenciado em
Pedagogia pela Faculdade de Educação – FE da
Universidade de Brasília – UnB. Orientadora
Professora Nirce Barbosa Castro Ferreira

CARINHANHA/BA – 2013

SOUZA. Sonia Sena. Uma Investigação sobre dificuldades de aprendizagem no processo de alfabetização dos alunos do ensino fundamental de uma escola da rede municipal de ensino em Carinhanha – BA. Faculdade de Educação – FE, Universidade de Brasília – UnB. Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Pedagogia.

FE/ UnB-UAB

**UMA INVESTIGAÇÃO SOBRE DIFICULDADES DE
APRENDIZAGEM NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO
DOS ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL DE UMA
ESCOLA DA REDE MUNICIPAL DE ENSINO EM
CARINHANHA – BA**

SONIA SENA DE SOUZA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para a obtenção do título de licenciado em Pedagogia à Comissão Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, sob a orientação da Professora Nirce Barbosa Castro Ferreira.

Comissão Examinadora:

Professora Mestre – Nirce Barbosa Castro Ferreira (Orientadora)
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Professora Doutoranda Betânia Oliveira Barroso
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Professora Ivonete Ferreira de Souza
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

A minha amada mãe, Rosalina, razão do meu viver pela força, carinho, dedicação, segurança, confiança, ajuda, companheirismo e amor. Ao meu querido pai, Delindo, pelo esforço, carinho, dedicação, ajuda e pelo amor em mim depositado. Aos meus irmãos, parentes, amigos e professores que torceram e acreditaram em mim.

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus, o Divino Pai Eterno, por me guiar e conduzir em toda essa jornada e em nome dele aproveito para agradecer a todos que estiveram presente em minha vida durante todo esse tempo e desde já peço desculpas aos que não mencionei o nome aqui.

Aos meus pais, Rosalina e Delindo, pelo apoio e a força, deixando que me ausentasse do lar sempre, para concretizar esse sonho.

A minha orientadora Nirce B.C. Ferreira e a tutora Ivonete Ferreira de Sousa, que muito contribuiu para conclusão deste trabalho.

E aos meus irmãos, Marcio e Alexandre, que caminharam junto e torceram por mim, em especial a minha irmã, Patrícia, que sempre ouviu meus desabafos e suportou os meus estresses e nunca deixou de me apoiar e me ajudar; as minhas cunhadas e aos meus lindos sobrinhos; a minha prima Dina, que foi muito especial e contribuiu para que eu conseguisse chegar até aqui; os meus avós; a minha prima Ivanice e seu esposo e a todos os primos, tias e tios que me acompanharam e torceram por mim. Agradeço.

A todos os meus colegas e em especial Dilza e Laise que estiveram mais próximas de mim durante toda essa jornada, também as minhas amigas da república em especial Rosiane.

Aos tutores e educadores que estiveram junto comigo, e em todo esse percurso proporcionaram essa troca de aprendizagem, contribuindo para minha formação, fazendo com que eu me tornasse mais crítica e conhecedora dos métodos e práticas pedagógicas. Também a todos do Polo de Carinhanha – BA.

E a todas as pessoas que direta ou indiretamente contribuíram para que eu chegasse até aqui.

RESUMO

O presente trabalho se propõe a refletir sobre as dificuldades de aprendizagens dos alunos do ensino fundamental de uma escola da rede pública de Carinhanha. Este estudo busca detectar e analisar os problemas do cotidiano escolar, que dificultam a aprendizagem nas séries iniciais do ensino fundamental. Nele, faz-se uma avaliação dos resultados obtidos por meio da intervenção pedagógica e tem uma intencionalidade de fazer com que interessados no assunto reflitam acerca das diferentes facetas que dificultam a aprendizagem dos alunos do ensino fundamental. O texto traz a possibilidade de direcionar um olhar interligando as falas dos sujeitos de pesquisa e os autores teóricos que refletem sobre a problemática estudada. Ao analisar o resultado deste trabalho, é possível perceber que ele traz informações que podem auxiliar a equipes escolares que atuam no ensino fundamental a perceberem as dificuldades apontadas como objeto desta pesquisa e, com isso, minimizar os problemas de aprendizagem apresentados por (as) alunos (as). Este trabalho pode bem ser utilizado como ponto de partida para reflexão e futura discussão entre os sujeitos envolvidos no processo educativo, que têm em suas atuações o tema aqui abordado.

Palavras-chaves: Dificuldade de aprendizagem. Processo de alfabetização. Ensino e cotidiano escolar.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Desfile Ensino Médio.....	14
Figura 2: Colegas de Sala e de Ônibus.	14
Figura 3: Estágio Ensino Médio Modalidade Normal.....	15
Figura 4: Encontro na FE.	20

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

AEE	Atendimento Educacional Especializado
BA	Bahia
CF	Constituição Federal
DA	Dificuldade de aprendizagem
EAD	Educação a Distância
EJA	Educação de Jovens e Adultos
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
FE	Faculdade de Educação
IBOPE	Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística
IDEB	Índice de Desenvolvimento da Educação Básica
INCRA	Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
LDB	Lei de Diretrizes e Bases
MEC	Ministério da Educação
MST	Movimento dos Trabalhadores Sem Terras
NJCLD	National Joint Committee for Learning Disabilities
PDDE	Programa Dinheiro Direto na Escola
PDE	Plano de Desenvolvimento da Escola
PEHE	Programa Educando com a Horta Escolar
PETI	Programa de Erradicação do Trabalho Infantil
PROJOVEM ADOLESCENTE	Programa Nacional de Inclusão de Jovens
PPP	Projeto Político-Pedagógico
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
TOPA	Todos Pela Alfabetização
UAB	Universidade Aberta do Brasil
UnB	Universidade de Brasília

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
MEMORIAL	11
ENSINO MÉDIO	13
VIDA PROFISSIONAL	15
A GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA.....	16
UAB/U n B, CONCRETIZAÇÃO DE UM SONHO.....	21
CAPÍTULO 1 TRABALHO MONOGRÁFICO	22
1.1 JUSTIFICATIVA	22
1.2 OBJETIVOS	23
CAPÍTULO 2 REFERENCIAL TEÓRICO	25
2.1 UM DEBATE REFLEXIVO SOBRE AS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO.....	25
CAPÍTULO 3 CAMINHO METODOLÓGICO	31
3.1 PROCEDIMENTOS.....	31
3.2 O LOCAL DA PESQUISA E A SUA COMUNIDADE.....	32
3.3 SUJEITOS DA PESQUISA.....	34
3.4 INSTRUMENTOS	35
3.4.1 Entrevista Semiestruturada.....	35
3.4.2 Observação.....	36
CAPÍTULO 4 DADOS E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS.....	38
4.1 ANÁLISES	38
4.2 ANÁLISE DO PROJETO POLÍTICO-PEDAGÓGICO.....	46
CONSIDERAÇÕES FINAIS	48
PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS.....	51
REFERÊNCIAS	53
APÊNDICE I –A –Depoimentos de Moradores	56
APÊNDICE II – Roteiros de Entrevistas.....	57
APÊNDICE III – Termo de Consentimento	62
APÊNDICE IV – Perfil do(do) Entrevistador(a) Colaborador(a)	63
ANEXO – DVD – Pesquisa na Íntegra	64

INTRODUÇÃO

Apresento neste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) uma investigação reflexiva acerca das dificuldades de aprendizagem no processo de alfabetização dos alunos do ensino fundamental de uma escola Municipal, em Carinhanha – BA, destacando uma das problemáticas existente nessa escola. Este estudo é parte integrante da formação em Pedagogia pela Universidade Aberta do Brasil (UAB), Faculdade de Educação (FE) da Universidade de Brasília (UnB). A pesquisa se propõe a contribuir na discussão do grave e contínuo problema das crianças e adolescentes que apresentam dificuldade na aprendizagem no ensino fundamental. Ao refletir sobre algumas dúvidas que surgem sobre o problema, análises sobre ele nos levam a pensar em possibilidades de esclarecimento que possam levar a diminuir algumas das dificuldades de aprendizagem, bem como oferecer subsídios que sirvam de base para minimizar esses problemas que dificultam o processo de alfabetização.

Falar das dificuldades de aprendizagem e refletir sobre elas é uma proposta de trabalho a qual me coloquei à disposição para executar, no sentido de estar inserida na práxis pedagógica, que requer a minha formação como pedagoga. Apresento como procedimento metodológico dentro da abordagem qualitativa, uma pesquisa-ação. Vou a campo observar uma escola da rede pública para entender o processo de constituição dela, por meio de conversas com todo o corpo docente, a comunidade escolar, os pais de alunas e alunos. Também analiso os documentos pedagógicos que a escola possui, realizando uma observação participante em sala de aula.

Esta foi uma proposta inquietante, desde o momento em que comecei a notar as queixas dos professores de séries iniciais sobre o baixo rendimento na aprendizagem das crianças. Convivendo com esses professores por algum tempo, a inquietação se fez maior, quando constatei a realidade sobre suas queixas das dificuldades de aprendizagens apresentadas pelos alunos do ensino fundamental em processo de alfabetização.

Este estudo está estruturado da seguinte forma: na primeira parte traz o meu memorial de vida e educativo, no qual traço o meu percurso de constituição pessoal e educativa e as facetas que contribuíram e fazem a minha permanência até aqui. Na segunda parte, apresento o trabalho monográfico, usando a divisão de capítulos.

Apresento no primeiro capítulo a justificativa e os objetivos que ensejaram a elaboração deste trabalho.

O segundo capítulo apresenta o referencial teórico, ressaltando a ideia dos diferentes autores a respeito da problemática discutida ao longo do trabalho.

O terceiro capítulo discorre sobre o caminho metodológico, destacando o uso da abordagem qualitativa, dentro dos moldes da pesquisa-ação.

As análises e o resultado são apresentados no capítulo quatro sob forma de narrativa dos dados resultantes da pesquisa.

Faço as minhas considerações finais, para em seguida apresentar as minhas perspectivas sobre o projeto de vida profissional.

As minhas perspectivas futuras no campo da prática são encontradas na terceira parte deste trabalho. Nela, exponho as minhas perspectivas de construção futura como educadora e os desejos de continuar essa jornada com garra e perseverança.

Finalizo com as referências bibliográficas. Logo após a bibliografia, encontram-se os apêndices com os materiais elaborados para a constituição da pesquisa; em anexo a pesquisa na íntegra. Esta foi dividida em três blocos, e estes em subtítulos.

MEMORIAL

Pensar no processo que me conduziu em toda jornada de vida, trabalho e estudos compreende pensar na vida por meio das memórias e pensamentos antes vividos, sonhos realizados e também não realizados.

Uma trajetória de lutas e conquistas que permearam minha vida e que resulta em algo arquivado na memória e que neste momento são sobrepostos em papel em branco possibilitando a percepção e desvendamento do que em mim moram que é a minha memória. Memória essa que revive o passado encontrando no presente os sentidos da vida, por meio de sentimentos, sensações, criações e trabalhos desenvolvidos. “Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho é trabalho.” (BOSI, 1995, p.55).

Para tanto, a memória é algo vivido e recontado por meio de um ângulo de pensamentos escritos nos arquivos memoriais do nosso sentimento e impressões adquiridas e contadas ao longo da vida, pois ao lembrar voltamos ao sonho, vivemos a realidade e temos o prazer do presente, pois o passado é uma memória que jamais se apaga. “Ao escrevermos nossa experiência, nosso fazer ganha visibilidade, torna-se documento ao qual podemos retornar para reviver o vivido atribuindo-lhe outros significados e projetando outros fazeres desejados e necessários.” (OSTETTO, 2008, p.13).

A escola compreende-se como um espaço de interação e aprendizagem e nessa perspectiva relato os meus sonhos realizados e o caminho percorrido por longas datas na busca de novos horizontes. Esse caminho tem flores, mas também espinhos, que revelam as minhas vivências. É nessa busca constante de reviver e resgatar o passado e relembrar todos aqueles fatos que marcaram a minha vida de estudante que reflito e narro os acontecimentos.

A minha trajetória teve início na zona rural do município de Carinhanha, onde vivi até os dez anos de idade. Meu convívio era apenas com minha família, primos e tios e alguns vizinhos. Iniciei meus estudos por volta dos sete anos de idade. Meus primeiros professores eram rígidos com todos os alunos, estudávamos o ABC, e a palmatória “corria solta”. Nos meus primeiros anos de aula, estudei em uma escola multiseriada, que ficava perto da minha casa, na fazenda onde morava. Sempre fui muito tímida e por isso sofria muito, mas como conhecia todos aqueles meus colegas e estava em família superava a timidez. Estudei nessa escola até a segunda série do ensino fundamental – tratava-se de uma escola tradicional em que aluno não era percebido como sujeito que constrói o conhecimento.

“[...] Educador que 'castra' a curiosidade do educando em nome da eficácia da memorização mecânica do ensino dos conteúdos tolhe a liberdade do educando, a sua capacidade de aventurar-se. Não forma, domestica” (FREIRE, 2002, p.63).

Depois meu pai resolveu se mudar para uma pequena fazenda comprada perto da Vila São João, também município de Carinhanha, lá comecei novamente a cursar a segunda série. A escola era de melhor qualidade, já não era multisseriada, e os professores tinham o magistério. Porém, nesse tempo, a angústia foi maior, pois sofri muito preconceito dos meus novos colegas de turma, que não me receberam muito bem, riam e zombavam de mim, sofri o famoso *bullying*.¹

Andava oito km de ida e volta à escola, todos os dias, eu e meus irmãos. Tomava o sol mais quente do dia, pois saíamos às 12 horas e às vezes nem dava tempo de almoçar, ia com fome e, quando chegava à escola, recebia reclamação da professora e desfeita dos colegas.

Algumas vezes íamos a cavalo eu e meus dois irmãos. Mas meu pai tinha medo de cairmos do cavalo, por que algumas vezes tombamos do animal. Andávamos os três no cavalo e quando entrávamos na rua os meninos começavam a falar: “Três em um, berruga no cu (sic) de um”. Meu irmão descia para brigar, e eu chorava, e riam de mim. Quando chegávamos à sala, as algazaras eram sem fim. Assim, o tempo foi passando e depois de uns dois anos me acostumei com a turma já não ligava mais para aquilo que eles chamavam de brincadeira. Ainda estudávamos na base da decoreba e nos tornávamos indivíduos recatados sem opinião própria e por isso sofríamos ainda mais, pois alguns professores eram bajuladores, e isso me deixava revoltada.

Lembro-me dos momentos de brincadeiras e diversão, eu e meus primos montávamos estratégias para brincar de carreirinho, subir nas árvores. No percurso que fazíamos, íamos embora para casa nos divertindo pelo caminho, jogando gude e brincando de roda com minhas primas. Lembro ainda das brincadeiras: *Atirei o pau no gato*, *Samba Lelê*, *Maria Anita*, *As Flores da Laranjeira...* Corríamos para descontar o atraso que ficávamos na

¹ *Bullying* é um termo da língua inglesa (*bully* = “valentão”) que se refere a todas as formas de atitudes agressivas, verbais ou físicas, intencionais e repetitivas, que ocorrem sem motivação evidente e são exercidas por um ou mais indivíduos, causando dor e angústia, com o objetivo de intimidar ou agredir outra pessoa sem ter a possibilidade ou capacidade de se defender, sendo realizadas dentro de uma relação desigual de forças ou poder (CAMARGO, 2013).

estrada brincando, mas mesmo assim Quando chegávamos em casa já estava escuro. Os nossos pais ficavam preocupados, e nos davam uma surra.

Na época, criamos um time de futebol com homens e mulheres misturados, composto por nove pessoas: meus três irmãos, três primos, dois vizinhos e eu. Brincávamos todos os finais de semana. É um tempo que lembro com muita saudade, se eu pudesse voltaria lá e faria tudo de novo. “A criança toca, cheira, olha, move-se, pensa, sente o seu corpo, desenha com o corpo, sorri ou chora com todo o corpo. Vive intensamente, arrisca-se, pois está atenta e aberta às experiências e ao mundo, sem medo”. (LOPES, 2005, p. 25).

O tempo foi passando e eu crescendo, as coisas mudando, já não íamos mais a pé, e sim de carro e eu já era adolescente. Deixei as brincadeiras e comecei a trabalhar. Eu trabalhava antes, mas também me divertia muito e a minha vontade de vencer era ainda maior. Fui frustrada pelas palmatórias nas disciplinas de matemática, mas com o tempo, lá no sétimo ano conheci um professor que me fez começar a gostar da matéria. Daí em diante, as coisas foram melhorando. Já havia transporte escolar, e os professores mudaram. Comecei a trabalhar na escola e já conhecia todo mundo.

A formação de indivíduos éticos pode ser estimulada nas aulas de matemática ao direcionar se o trabalho ao desenvolvimento de atitudes no aluno, como, por exemplo, a confiança na própria capacidade e na dos outros para construir conhecimentos matemáticos [...] (BRASIL, 1997, p. 32).

ENSINO MÉDIO

Quando comecei o ensino médio, passei a estudar em Carinhanha. Íamos e voltávamos todos os dias, saíamos às onze da manhã e chegávamos às dezenove horas. No ensino médio conheci uma professora muito especial, Maria do Socorro, professora de Didática, que fez a diferença em minha vida, por que acreditava fielmente em mim. Agradeço a todos aqueles educadores que passaram em minha vida, porque de qualquer forma me incentivaram e ajudaram a chegar onde hoje estou.

No ensino médio, os laços de amizade foram maiores entre o grupo de alunos que eram de Vila São João. Fazíamos o mesmo percurso todos os dias junto, éramos um grupo de dez adolescentes, todos da mesma turma, um grupo que se entrelaçou na linha do saber. Um ajudava e defendia o outro, pois nos primeiros anos que começamos a estudar na cidade, recebíamos resistência por parte de alguns colegas que nos julgavam por sermos da zona rural. Falavam que éramos da roça e zombavam de nós.



Figura 1 Desfile Ensino Médio
Fonte: Do acervo da pesquisadora.

A união do grupinho do fundão conquistou toda a turma. No meio do ano todos já queriam fazer parte de nosso grupo e foi muito bom. Passaram-se quatro anos de ensino médio e todo dia estávamos na BR 161, dentro de um ônibus de alunos, mas além de estudar, nas aulas vagas buscávamos lazer, íamos para o pontal fazer churrasco.² Foi no ensino médio que descobri e passei a conhecer a cidade, pois antes não conhecia, comecei a perceber o mundo nos seus diferentes ângulos.



Figura 2 Colegas de Sala e de Ônibus.
Fonte: Do acervo da pesquisadora.

² Pontal é tipo uma prainha que tem no Rio Carinhanha, um ponto turístico da cidade.

Lembrar-me de minha trajetória é reviver a vida, superar as dificuldades e dizer: venci. Nessa época de ensino médio, passei por momentos de dificuldades dentro da minha família e por alguns problemas pessoais.

Agradeço aos meus amigos que me ajudaram bastante, sem contar que em um desses momentos minha mãe teve problemas de saúde e foi para São Paulo fazer tratamento, e eu trabalhava na escola, na área de serviços diversos, suprimo o lugar dela e tinha de cuidar da casa, da escola e dos estudos. Às vezes saía de casa com fome, pois, não dava tempo de almoçar, comia lanche na escola quando achava para comprar, caso contrário, ficava com fome até a hora que saísse do colégio. Quando chegava em casa à noite, eu ia trabalhar. E foi assim todo o percurso, sem contar as vezes em que o ônibus quebrava bem na hora de vir embora, passávamos fome e sede na estrada até que passasse alguém para nos dar carona.

Apesar de todo o sofrimento vivido na época do ensino médio, foi um tempo de muitas conquistas e laços afetivos, pois construí amizades que só Deus mesmo para ter concretizado essas bênçãos: Deca, Alberto, Joscelio, Cau, Marcio, Loíça, Dilene, Dé, Jacson, Sirlene; juntos fizemos nossa história, estagiamos todos na Escola Municipal José Rodrigues de Brito, montamos projetos e até hoje estão gravadas em minha memória.

VIDA PROFISSIONAL



Figura 3 Estágio Ensino Médio Modalidade Normal.
Fonte: Do acervo da pesquisadora.

A minha vida profissional iniciou-se em 2001, onde comecei a exercer o cargo de ajudante de secretaria na escola do município onde morava e na mesma escola em que estudei, trabalhei nesse serviço até 2006. Em 2005 terminei o Ensino Médio Modalidade

Normal, correspondente ao antigo magistério, fiz estágio e por sorte recebi uma turma de alunos pré-adolescentes. Estes eram bastante agitados e difíceis de controlar, mas desenvolvi muito bem o estágio, a professora regente era muito boa e me auxiliou.

Em 2006 comecei a substituir uma professora, atuando com uma turminha de primeira série em uma sala com 28 alunos. Dois alunos deles eram especiais. Então como primeira experiência, de início foi muito difícil, mas, fui até o fim e como primeira experiência foi bem gratificante, pois mesmo sem os conhecimentos que tenho hoje, consegui identificar na sala de aula os alunos especiais e encaminhar os casos à secretária. Trabalhar com essa turma foi um desafio.

Fiquei um bom período na escola José Rodrigues de Brito, todos já me conheciam, mas não era concursada como professora, então só trabalhei sob contratos e como professora substituta, todos da comunidade onde morava já mim conheciam e sempre quando passava na rua os alunos vinham me gritando, professora Sonia!! Então me sentia muito feliz com os carinhos deles e respeito a minha pessoa, e até os dias que estava sem trabalhar, os pais iam a minha casa saber notícias da escola, pois já tinham acostumado comigo.

Em 2007 comecei a fazer o curso de pedagogia pela Faculdade UAB/UnB e em 2009 prestei um concurso público na área da saúde, passei e estou atuando desde 2011, trabalho no controle das endemias, na cidade de Carinhanha, mas ainda sonho em voltar para área da educação, pois amo crianças e quero trabalhar com a educação infantil futuramente. Pois como dizia Freire (1996, p. 27) “A leitura verdadeira me compromete de imediato com o texto que a mim se dá [...]”.

A GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA

O primeiro semestre foi um terror, eram tantas reclamações: textos desformatados, exigências dos professores e a internet inoperante, sempre caía. Eu ficava louca, enfim, vários problemas que nos levavam até pensar em desistir. No entanto, a minha força de vontade era bem maior que tudo. O programa era o Linux, que ninguém sabia mexer, formatação acadêmica, não conhecíamos. O tempo foi passando, e as coisas foram clareando. Hoje todos sabem ler e interpretar muito bem. Utilizamos o computador como ferramenta de atuação e conhecimento.

Os sabores e descobertas de um novo mundo, os leques vão se abrindo, e a vida vai mudando de rumo. Muitas coisas novas vão aparecendo, outras desaparecendo. Um novo

contexto de mundo vai surgindo. Neste momento existe um diálogo aberto entre as diferentes pessoas no discurso dos saberes que se antecede entre os componentes da história em que nos relacionamos. “Uma palavra que não representa uma ideia é uma coisa morta, da mesma forma que uma ideia não incorporada em palavras não passa de uma sombra.” (VYGOTSKY, 1991, p. 131-132).

As disciplinas e os autores que a compõem fascinam e alimentam o nosso inconsciente, tornando nossos pensamentos fluentes por meio dos saberes adquiridos e tomando essa consciência. Relato aqui toda a minha vida acadêmica, as relações com a minha própria história e o que me faz sentir dona dos meus pensamentos ao contar por meio de um papel em branco tudo o que se passou em um tempo tão minucioso que durou cerca de dez semestres letivos.

A principal meta da educação é criar homens que sejam capazes de fazer coisas novas, não simplesmente repetir o que outras pessoas já fizeram. Homens que sejam criadores, inventores, descobridores. A segunda meta da educação é formar mentes que estejam em condições de criticar, verificar e não aceitar tudo que a elas se propõe (PIAGET, 1970, p. 7).

Essa história se iniciou no segundo semestre de 2007, sendo marcada pelas disciplinas de Antropologia e Educação, Investigação filosófica, Projeto 1, entre outras que apontaram a importância do curso e o que viria ser, sendo apontou pelo componente curricular o projeto 1, por meio das ideias de Darcy Ribeiro, Rogério Cordova e outros autores que proporcionaram o olhar da educação voltado a ética, cidadania e valores humanos.

Outro ponto importante dessa etapa foi entrar na investigação filosófica, que fez um mergulho central dentro do contexto da filosofia, levando ao conhecimento de si mesmo, como ser humano e a vida por meio do devir criança. A importância das fases do desenvolvimento humano, pensado na formação da criança como parte integrante do processo de construção educativa, por meio do qual a criança deve ser preparada desde seu nascimento, recebendo afeto, amor, apoio e uma educação de qualidade.

Tendo notado que nada há no eu penso, logo existo que me assegure de que digo a verdade, exceto que vejo muito claramente que, para pensar é preciso existir, julguei poder tomar por regra geral que as coisas que conhecemos mui clara e mui distintamente são todas verdadeiras (DESCARTES, 1987, p. 47).

Aprendi a entender a educação como algo essencial e indispensável para a formação humana, pensamento esse que discorre sobre a importância da vida e suas descobertas, onde a Antropologia e a Educação nos apontam isso ao identificar a história do

homem com a natureza, suas descobertas e as modificações culturais, sociais, políticas e econômicas.

Os movimentos constitucionais adquiridos dentro da formação em pedagogia foram além do pensar e do refletir sobre a educação. Estivemos ligados a contextos de pesquisas e formação social que sucederam inúmeras inovações e práticas, pensando no meio ambiente como parte integrante da formação do sujeito, as disparidades e mudanças do mesmo, e as inovações das práticas educativas atentando um olhar mais acurado para essa temática tão debatida em nosso meio.

Refletimos sobre o contexto ambiental atual da cidade de Carinhanha por meio de discursões, palestras com apresentação de seminário acadêmico aberto ao público, e uma caminhada à beira do Rio São Francisco, retirando os lixos das suas margens e fazendo manifestações em praça pública em favor da preservação desse espaço. Esse processo educativo foi ministrado e coordenado pela professora Doutora Rosângela Correa como parte avaliativa da disciplina Educação Ambiental.

Educação Ambiental é uma proposta educativa que nasce em um momento histórico da alta complexidade. Faz parte de uma tentativa de responder aos sinais de falência de todo modo de vida, o qual já não sustenta as promessas de felicidade, fluência, progresso e desenvolvimento. A modernidade ocidental, da qual somos filhos, apostou todas as fichas em uma razão científica objetivadora e no otimismo tecnológico correspondente (CARVALHO, 2008, p. 154).

No entanto, ao aprendermos sobre tais práticas de preservação do meio ambiente e ao fazermos debates sobre eles, levantamos questionamentos e ações dialógicas sobre práticas educativas que proporcionaram uma aprendizagem significativa a respeito dos valores e significados da cidade e de sua cultura.

É nesse sentido que a Pedagogia vai se esmerar, criando regras de conduta e normas do que é ser um bom professor, uma boa professora, que terá como missão a mais justa correção daqueles a que compete educar. Pelos séculos afora – sem nenhum exagero – serão reiterados preceitos que aí têm a sua origem; pelos séculos afora, a prática pedagógica mais bem acabada será aquela que melhor der conta da insuficiência e que lidar melhor com a intermediação, seja ao nível dos métodos, seja ela ao nível da formação do mestre. Um a serviço do outro (LOPES, 2001 p. 68).

E aqui relatando, faço uma descrição geral de todos os semestres e disciplinas estudadas, em que abri um leque geral sobre todas as áreas de formação que o curso possibilita, com o enfoque maior sobre a criança, que é o futuro do amanhã, e em todos os

semestres foram juntados à teoria e à prática, a fim de problematizar os valores educativos que cada disciplina e componente curricular propõem.

Foram introduzidos vários projetos com uma diversidade de temas que apresentaram propostas de intervenção com preparação e foco nas pesquisas em diferentes áreas de atuação. Dentre eles, neste reflito sobre o projeto que contempla o cinema em sala de aula, que possibilita uma nova ferramenta metodológica para as crianças. Isso torna a aula mais dinâmica e com um pensar diferenciado que as estimula através de uma atividade diferenciada e com algo presente em suas vidas, trabalhando a partir da realidade objetivada por eles. As propostas enfatizam todo contexto cultural e a diversidade brasileira por meio das diferentes etnias, onde a linguagem fílmica propõe uma contextualização maior desde que seja trabalhado com práticas formativas.

A compreensão do processo de trabalho, do ato produtivo em sua complexidade, da maneira como se organiza e desenvolve a produção, a necessidade de uma formação técnica do trabalhador, formação, porém, que não se esgote num especialista estreito e alienante; [...] (FREIRE, 2006, p. 42).

No momento em que escrevo, as ideias vão fluindo, e as lembranças arquivadas são tantas, que demandariam tempo e muito esforço para serem postas em papel branco, assim como propõe Freire (1996, p.13): [...] “Estudar não é fácil, porque estudar é criar e recriar, é não repetir o que os outros dizem”. Aprendi com a filosofia que nada está pronto e acabado, mas que a cada dia estamos inventados, reinventado e criando coisas novas e que os principais sentidos da educação é criar indivíduos autônomos, críticos e capazes de sobreviver plenamente envolvidos com o mundo e a relacionar-se com o meio.

A educação especial, a educação inclusiva, a educação de jovens e adultos (EJA), a introdução à classe hospitalar, educação em matemática trouxeram para o campo da prática propostas pedagógicas que enfatizaram a importância do curso de pedagogia e suas finalidades, pois a aprendizagem nas séries iniciais é o que abarca a formação futura de cada indivíduo, oportunizando os significados e os sentidos da vida humana.

Durante as vivências neste curso, tive oportunidade de conhecer a Capital do País e todos os pontos turísticos de Brasília, ir até a universidade participar de encontros e aulas. Foram momentos ímpares. Juntamente com meus colegas, tive oportunidade de participar do Encontro da Comunidade de Educação na UnB, da Semana Universitária, ocasião em que fomos muito bem recebidos e acolhidos dentro desse espaço. Lá mostramos os nossos trabalhos representando o curso de pedagogia a distancia, participamos de estandes para

mostrar a importância do curso a quem desejasse nele se inserir. Também falamos de nossa turma e do exemplo positivo da Educação a Distância (EaD), que deu certo e que necessita progredir e investir nesse sistema, com novas propostas de participação da comunidade.



Figura 4: Encontro na FE.
Fonte: Do acervo da pesquisadora.

A educação como meio de desenvolvimento, crescimento e transformação social tem papel fundamental na melhoria da qualidade de vida das pessoas, e, com isso, o objetivo do governo diante da necessidade de cumprir com seu papel social em meio à sociedade, é avançar o sistema educacional, oferecendo a educação a todos. Sob esta ótica, a EaD se tornou uma solução para muitos desses problemas, introduzindo melhorias nos diferentes contextos brasileiros. Desta forma a EaD exige do estudante assiduidade, compromisso e dedicação oferecendo possibilidades de entrar no mercado de trabalho e de melhorar a qualidade de vida por meio do processo educacional.

Portanto, diante das experiências adquiridas no ensino da EaD, percebo que esta se sobrepõe de uma forma mais ousada e criteriosa na busca do saber. A educação a distancia leva o estudante a ser autônomo, a criar seus instrumentos de trabalhos, a ser criativo e a valorizar a troca de experiência, a buscar entender dentro do meio social o que se procura aprender, a socializar, planejar e a ser cidadão crítico, a usar as ferramentas tecnológicas e, acima de tudo, a refletir sobre seu papel na sociedade.

UAB/UNB, CONCRETIZAÇÃO DE UM SONHO

Digo um sonho realizado, não pela escolha do curso, pois me adaptei e me comprometi com ele ao longo em seu decorrer, mas pela minha paixão por educação e por meu desejo de mudanças, pois as aprendizagens foram muitas. Tive muitas angústias, choros, abraços, apertos de mão, companheirismo, solidariedade. Foram momentos inesquecíveis. Sinto-me mais viva e mais forte a cada semestre que passa.

Hoje sou feliz e realizada, pois consegui chegar até aqui, por meio de muita luta, conquistas, aprendizado, amizades e laços construídos. É uma alegria muito grande. São muitos conceitos de honra e glória que ficaram marcados pelas disciplinas – cada professor e cada tutor que passaram e deixaram as marcas. Foi uma construção feita com muito amor e dedicação, digo também sofrimento e angústia, mas que foi superado. Era uma internet que caía, um tutor que demorava com o *feedback*, uma atividade que estava prestes a vencer o prazo. Cada professor com a sua característica: a professora Rosângela para dizer: “você tem que estudar e estudar e pronto, senão perde a disciplina”; o professor Agilson que dizia: “Calma! Você consegue!”. E o tempo foi passando, e a cada dia um novo pensamento, uma nova ideia, tanta gente boa que conheci, as viagens a Brasília, o encantamento em conhecer a UnB e a Cidade em geral.

Durante a prática educativa concedida por meio do estágio, tive uma experiência nova valeu a pena, com a criação do projeto de intervenção na área em que nunca tinha atuado e nem conhecido, me fez perceber a importância da gestão participativa e a importância do diálogo e da interação entre os educadores e a comunidade escolar em geral.

CAPÍTULO 1 TRABALHO MONOGRÁFICO

Este trabalho monográfico consiste em uma investigação acerca das dificuldades de aprendizagem no processo de alfabetização dos alunos do ensino fundamental de uma escola Municipal, em Carinhanha – BA.

1.1 JUSTIFICATIVA

A alfabetização ocupa, hoje, o lugar central na discussão sobre educação escolar no mundo, seja porque o nível de alfabetização/letramento apresentado pela população não é considerado satisfatório para que a sociedade continue a se desenvolver; seja porque grande parte da população brasileira é alfabetizada funcionalmente, pois conhecem as letras e os números, escreve pequenas frases ou texto, mas não interpreta de maneira correta o que lê e não é capaz de utilizar a leitura e a escrita nas atividades cotidianas. São estas pessoas alunas e alunos que não tiveram oportunidade de ir à escola ou aquelas que passaram por ela e não conseguiram adquirir a aquisição da leitura e escrita; só aprenderam mesmo assinar o nome.

Tanto em um caso como no outro, a quantidade de alunos que vai à escola e não aprende a ler e escrever é significativa, especialmente os alunos excluídos, existentes na sua maioria dentro das camadas populares mais pobres do País, Estes, apesar de trazerem para a escola experiências de vida, tais como vender produtos nas feiras livres, tomar conta do irmãozinho menor, assumir tarefas domésticas, entre outras ações que podem acrescentar saberes ao seu desenvolvimento humano, essas experiências que eles trazem de seu convívio familiar muitas vezes não são consideradas como importantes por seus professores na escola e geram dificuldades de aprendizagem no processo de alfabetização na escola formal. Pois as crianças não alfabetizadas hoje representam os adultos analfabetos de amanhã. É possível esta afirmação a partir de dados fornecidos pelo Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (IBOPE, 2005), que revela que cerca de 68% da população brasileira são analfabetos funcionais. Isso nos revela a triste realidade da educação brasileira que, mesmo com a pouca melhora no ensino nos últimos anos, ainda necessita de muita mudança na qualidade do ensino.

A escola em estudo vem passando por um grave problema no âmbito de ensino dos alunos no processo de alfabetização, onde muitos deles não conseguem ser alfabetizados no seu tempo escolar, e mesmo sem ter adquirido a aquisição da leitura e escrita são jogados de uma série para outra automaticamente pelo sistema. Esse aluno permanece na turma o ano

todo, mas não consegue acompanhar os colegas, ficando prejudicado, o que constitui preocupação para todo o corpo docente, pais de alunos e a gestão escolar.

No cotidiano escolar fica fácil perceber nos discentes as dificuldades de aprendizagem, no que se refere à leitura e à escrita. Pensando nesta situação, este trabalho monográfico tem o intuito de trazer à tona essa problemática, e de ter um olhar reflexivo sobre as práticas educativas e sobre a história de vida dos alunos.

Pensando neste contexto e na preocupação com o futuro desses alunos foi trabalhada a temática: Uma investigação sobre dificuldade de aprendizagem no processo de alfabetização dos alunos do ensino fundamental de uma escola da rede pública municipal em Carinhanha-Ba. Optei pelo tema em questão também considerando e refletindo que aspectos políticos, econômicos e sociais afetam sobremaneira o problema na tentativa de minimizar os contratempos que levam os alunos à repetência e ao fracasso escolar e atentar para as reais necessidades dos alunos da comunidade popular. Isto porque é preciso compreender como os alunos aprendem, aproximar-se dos conhecimentos que eles têm para poder ajudá-los a se aproximarem dos objetivos propostos. Buscar também suprir essas necessidades no cotidiano escolar e instigar o crescimento crítico e consciente de uma sociedade em transformação e em sujeito de sua formação, tornando aptos, curiosos, decididos e motivados para aprender a ser cidadão crítico/reflexivo e democrático capaz de buscar alternativas de melhoria e qualidade do ensino que lhe proporcione o bem estar político, econômico e social do mundo contemporâneo.

1.2 OBJETIVOS

Os objetivos deste estudo constituem-se em:

- a) **geral:** analisar que fatores dificultam a aprendizagem dos alunos no processo de alfabetização do ensino fundamental de uma escola municipal da rede pública em Carinhanha – BA, e por meio desta fazer a investigação reflexiva para buscar soluções para os problemas ou, ao menos, minimizá-los
- b) **específicos:**
 - coletar informações junto aos professores e coordenadores pedagógicos sobre as dificuldades apresentadas pelos alunos no processo de alfabetização da escola pesquisada;
 - analisar as estratégias pedagógicas utilizadas pelos professores para alfabetizar

os alunos da escola participante de estudo.

- analisar as ações previstas no (PPP) da escola relativas ao processo de alfabetização dos alunos que apresentam dificuldades de aprendizagem.

Por meio desses objetivos foram levantadas as questões para entender o processo de alfabetização e o porquê de muitos alunos não conseguirem ser alfabetizados em seu tempo escolar, onde esses alunos com dificuldade de aprendizagem estão todo o tempo dentro da sala de aula junto com seus colegas e não conseguem adquirir a aquisição da leitura e escrita, atrasando seu processo de construção educativa. Esse é um problema frequente na escola, que desde muito tempo vem sendo estudado e trabalhado com implantação de novos programas educativos para saná-lo. Mas a dificuldade de aprendizagem ainda é vista com frequência dentro do processo de alfabetização de nossos alunos. Por isso, necessita de estudos e pesquisas para entender o porquê desse problema e quais os fatores que implicam para essa dificuldade de aprendizagem dos alunos.

CAPÍTULO 2 REFERENCIAL TEÓRICO

Este capítulo expõe os principais conceitos teóricos para o desenvolvimento desta pesquisa.

2.1 UM DEBATE REFLEXIVO SOBRE AS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO

A minuta das dificuldades de aprendizagem é diversa e consiste em várias definições e fatores que contribuem para essa problemática em estudo, onde o critério de escolha dos sujeitos da pesquisa levou eles estarem diretamente ligados à questão pesquisada, qual seja: “Quais são os fatores que dificultam a aprendizagem das crianças em processo de alfabetização do ensino fundamental dessa Escola municipal em Carinhanha Bahia”. No entanto, buscando entender essas questões expõem-se as definições sobre dificuldade de aprendizagem em diferentes contextos.

Neste sentido, o National Joint Committee for Learning Disabilities (NJCLD), representado por uma das organizações mais formidáveis dos EUA provocadas no debate das definições das dificuldades de aprendizagem, organizou, no ano de 1988, a definição como base para estudos sobre o tema:

Dificuldade de aprendizagem (DA) é um termo geral que se refere a um grupo heterogêneo de transtornos que se manifestam por *dificuldades significativas na aquisição e uso da escuta, fala, leitura, escrita, raciocínio ou habilidades matemáticas*. Esses transtornos são intrínsecos ao indivíduo, supondo-se devido à disfunção do sistema nervoso central, e podem ocorrer ao longo do *ciclo vital*. Podem existir, junto com as dificuldades de aprendizagem, problemas nas condutas de autorregulação, percepção social e interação social, mas não constituem, por si próprias, uma dificuldade de aprendizagem. Ainda que as dificuldades de aprendizagem possam ocorrer *concomitantemente* com outras condições incapacitantes (por exemplo, deficiência sensorial, retardamento mental, transtornos emocionais graves) ou com influências extrínsecas (tais como as diferenças culturais, instrução inapropriada ou insuficiente), não são o resultado dessas condições ou influências (NJCLD, 1988, *apud* GARCÍA, 1998, p.31-32, grifo nosso).

Nesta definição a *dificuldade de aprendizagem* revela-se em diferentes ângulos do contexto de vida educacional sendo necessário entender seus diferentes aspectos para a partir deles buscar a essência do ensino aprendizagem e por meio do abordagem educativa revelar se novas maneiras e condições de aprendizagem para esse sujeito da educação. A esse respeito SCOZ (2007, p. 22) ensina que [...]

[...] os problemas de aprendizagem não são restringíveis nem a causas físicas ou psicológicas, nem a análises das conjunturas sociais. É preciso compreendê-los a partir de um enfoque multidimensional, que amalgame fatores orgânicos, cognitivos, afetivos, sociais e pedagógicos, percebidos dentro das articulações sociais. Tanto quanto a análise, as ações sobre os problemas de aprendizagem devem inserir-se num movimento mais amplo de luta pela transformação da sociedade.

Ainda SCOZ (2007, p. 19-20) ressalta que [...]

[...] a influência ambiental sobre o desenvolvimento da personalidade nos primeiros anos de vida e a dimensão afetivo-emocional do comportamento e de seus desvios passaram a ser enfatizadas, provocando uma mudança terminológica para designar as crianças que apresentavam problemas de ajustamento ou de aprendizagem escolar: em vez de 'criança anormal', 'criança problema'.

Neste trajeto, Sisto (2007) coloca que a reflexão sobre a dificuldade de aprendizagem ainda não contempla uma definição ampla e objetiva das causas e soluções para o problema. O autor aproveita para dar sua definição em favor deste estudo determinando-o como [...]

[...] um grupo heterogêneo de transtornos, manifestando-se por meio de atrasos ou dificuldades em leitura, escrita, soletração, cálculo, em crianças com inteligência potencialmente normal ou superior e sem deficiências visuais, auditivas, motoras, ou desvantagens culturais (SISTO, 2007, p.193)

Diante das definições e ideias dos diferentes autores sobre a dificuldade de aprendizagem, é possível entender as causas do analfabetismo no Brasil, um assunto muito debatido, e porque não dizer pouco combatido. Mas as causas ainda precisam ser estudadas de forma mais minuciosa no intuito de encontrar respostas para os diversos problemas enfrentados sobre as dificuldades de aprendizagem, principalmente nas escolas da rede pública de ensino.

Investigar e fazer uma reflexão sobre as aprendizagens direciona o estudo para a interação existente entre o meio social e o individual, isto é, aluno e estabelecimento escolar. Confirmando este questionamento Oliveira (1993) usa o pensamento de Vygotsky (1978) para afirmar que [...]

[...] a cultura não é pensada como algo pronto, um sistema estático ao qual o indivíduo se submete [...] mas seus membros estão num movimento de recriação e reinterpretação de informações, conceitos e significados. A vida social é um processo dinâmico, onde cada sujeito é ativo e onde acontece a interação entre o mundo cultural e o mundo subjetivo de cada um” (OLIVEIRA, 1993, p. 38).

Assim, a interação com todos os envolvidos no processo educacional deve ocorrer através de ideias, objetivos, atitudes, procedimentos, refletindo trabalhos coletivos.

Dentro da mesma perspectiva diz Piaget (1977, p. 7):

O conhecimento não consiste numa simples cópia da realidade ou num mero descobrimento de estruturas pré-formadas no sujeito, mas implica uma série de estruturas construídas progressivamente através da contínua interação entre o sujeito e o meio social.

Os índices do fracasso escolar em nosso município nas séries iniciais e principalmente na alfabetização é muito alto, conforme dados do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) referente à Cidade de Carinhanha, o qual corresponde a 3.8, conforme dados obtidos no ano de 2009. Ora, pode-se perceber que existe um grande número de alunos com defasagem idade/série, ou seja, um volumoso quantitativo de alunos em idade escolar que ainda não foi alfabetizado, em idade/série. Contudo essa é uma grande preocupação dos professores e gestores da rede municipal de ensino.

Ainda segundo Nunes (1992, p. 10-11);

[...] todas as crianças tem dificuldades na aprendizagem da leitura, que é uma atividade complexa. Até certo ponto, o ritmo em elas superarem essas dificuldades pode ser antecipado a partir de seu nível de inteligência. No entanto, algumas crianças vencem essas dificuldades mais rapidamente e outras mais lentamente do que esperaríamos com base no seu nível de inteligência.

Por ser um fenômeno que incomoda e atinge os menos favorecidos, ninguém quer assumir a responsabilidade de sua existência. A escola não se posiciona a respeito, e quando isso acontece, o aluno é sempre responsabilizado, por causa de seu desinteresse, sua condição econômica e sua ignorância.

O elevado índice de repetência dos alunos em processo de alfabetização chega a ser assustador, e mostra que a escola precisa ser reformulada para se adequar à realidade dos estudantes que a procuram. Pois, mais do que conhecer as causas, a escola precisa identificar e atuar de acordo com as diferenças individuais dos alunos, estando sempre planejando e replanejando atividades que atendam às dificuldades de aprendizagem detectadas, pois como destaca Andaló (2000, p.10): “para minimizar as diferenças entre as crianças, será preciso reformular a concepção que temos de alfabetização, introduzindo sequências mais realistas nos exercícios de sala de aula”.

Sabe-se que todas as escolas têm algo em comum, os conteúdos curriculares exigidos pela legislação. Os nossos currículos, apenas ditos flexíveis, ainda, talvez, não

condigam com a realidade do aluno e não atende suas necessidades, seus valores, seus saberes.

O sistema educacional vigente, e os docentes preocupam-se em obter índice de aprovação e reprovação no término da unidade, semestre e final de ano letivo, sem parar para analisar se as formas utilizadas para alcançar as notas foram eficazes ou não [...] o sistema de ensino está interessado nos percentuais de aprovação/reprovação do total de educandos (LUCKESI, 1999, p.18).

E diante disso, entende-se que o compromisso do docente e a eficácia da escola são um dos caminhos para diminuir o fracasso escolar. Quando se percebe que a escola está realmente aberta para acolher todos os indivíduos que dela precisam, aceitando-os com suas carências e necessidades, seus valores e seus saberes, apresentando-se-lhes as perspectivas de um futuro melhor, esse problema, que ora se apresenta, poderá diminuir. Diante do baixo desempenho de alguns alunos, é importante que o professor pergunte se o seu processo de ensino está adequado e direcionado a toda a classe ou somente para os alunos mais desenvolvidos no aspecto da leitura.

Tenta-se explicar as dificuldades de aprendizagem de varias formas e visões. Smith e Strick (2001, p.12) argumentam:

[...] referem-se não a um único distúrbio, mas a uma ampla gama de problemas que podem afetar qualquer área do desempenho acadêmico. As dificuldades são definidas como problemas que interferem no domínio de habilidades escolares básicas, e elas só podem ser formalmente identificadas até que uma criança comece a ter problemas na escola. As crianças com dificuldades de aprendizagem são crianças suficientemente inteligentes, mas enfrentam muitos obstáculos na escola.

O fracasso escolar nas séries iniciais respectivamente na alfabetização tem gerado vários entraves no contexto educacional e social. Na tentativa de resolução somam-se os esforços de educadores, gestores e escolas em direcionar debates para a análise e reflexão, perante as dificuldades apresentadas e da gravidade das causas geradas pela insuficiência de rendimento dos alunos nas escolas públicas de ensino. Entre elas, são vários os fatores que caracterizam as propostas, as teorias, os modelos conservadores que há muito tempo têm moldado a tomada de decisão no âmbito educacional. Freire (2005, p. 69) nos afirma que:

Na verdade, como mais adiante discutiremos, a razão de ser da educação libertadora está no seu impulso inicial conciliador. Daí que tal forma de educação implique a superação da contradição educador-educandos, de tal maneira que se façam ambos, simultaneamente, educadores e educandos.

E somados a esses problemas, alguns de nós, e entres esses professoras e professores, conhecemos as necessidades presentes na estrutura escolar e na sociedade brasileira, como diálogo, compreensão, alimentação, saúde, lazer, que são condições básicas de sobrevivência para o ser humano. Assim, tendo em vista estes aspectos é que a escola, como instituição social de formação de valores e personalidades críticas, não pode desconsiderá-los nas suas discussões, em seus estudos e muito menos nas suas mediações de conhecimentos na sala de aula.

Mais uma vez Freire (2005, p.144) assevera:

Impõe-se, pelo contrário, a dialogicidade entre a liderança revolucionária e as massas oprimidas, para que, em todo o processo de busca de sua libertação, reconheçam na revolução o caminho da superação verdadeira da contradição em que se encontram, como um dos polos da situação concreta de opressão. Vale dizer que devem se engajar no processo com a consciência cada vez mais crítica de seu papel de sujeitos da transformação.

Não basta somente nos apropriarmos de bons discursos, voltados para uma educação de qualidade. É preciso colocar em prática o pensamento reflexivo e ter um olhar ativo, pois de nada adianta refletir, discutir, inquietar-se com as questões do ensino, tão somente, se não formos à busca de mudanças, se não permitimos que tudo mude. O processo de ensino e aprendizagem permeia na mediação do professor/aluno/ comunidade escolar. Assim, depois de aprender a ler e a escrever, o aluno começa a mergulhar no mundo da leitura e do conhecimento desenvolvendo seus aspectos cognitivos, afetivo e interativo tornando um ser ativo e reflexivo. Segundo entendimento de Soares (2004, p. 24): “a questão é alfabetizar letrando, ensinar a criança a ler e escrever por meio das práticas sociais de leitura e escrita”. Todavia, é preciso que o professor esteja munido de sabedoria, inovação e motivação ao ensinar, percebendo o aluno como peça central dessa reflexão. É imprescindível trabalhar também com o conhecimento anterior desses discentes “para que possam construir uma autoimagem positiva e criar um vínculo com a professora e, conseqüentemente, com a aprendizagem” (SCOZ 2007, p. 103).

Sabe-se também que alfabetizar não é apenas copiar os nomes das letras e palavras. Aprender a ler e a escrever é apropriar-se do código linguístico gráfico e tornar-se, de fato, um usuário da leitura e da escrita (CAGLIARI, 1989). Mas, para isso, é preciso fazer um levantamento dos conhecimentos que os alunos têm sobre o mundo em que vivem e, a partir daí, problematizá-los de forma que aquilo que eles já sabem seja o ponto de partida para as discussões e reflexões em sala de aula.

Infelizmente, sabemos que em nossas escolas isso não acontece devido aos vários fatores: famílias desestruturadas, dislexia, baixos e diferenciados níveis de aprendizagem, falta de acompanhamento dos pais, além da falta de recursos didáticos na escola. É sabido também que o sistema escolar ainda hoje está concebido de forma que se pratica, implicitamente, a seletividade social. Os alunos das camadas populares que vêm à escola com baixos conhecimentos formais sobre os usos da leitura e escrita não encontram nela atividades que lhes possam proporcionar esse conhecimento. Em consequência, fracassam em maiores proporções no processo de alfabetização do que aqueles alunos que já dominam uma linguagem mais próxima da norma-padrão e já tiveram oportunidades de encontrar a leitura e a escrita significativamente. Fonseca (1995) ainda reforça que as dificuldades de aprendizagem existem em consequência de outras dificuldades de ordem sensorial, mental, distúrbios socioemocionais e também por influências extrínsecas, como as diferenças culturais.

A alfabetização é um processo pelo qual as pessoas aprendem a ler e a escrever. No entanto esse aprendizado vai muito além de “transcrever” a linguagem oral para a linguagem escrita, sendo esse o momento de preparação inicial de um ser crítico, ativo e reflexivo.

CAPÍTULO 3 CAMINHO METODOLÓGICO

Sendo o problema da dificuldade de aprendizagem uma questão recorrente entre os alunos que já frequentaram e ainda frequentam a escola, e sendo essa uma questão que acompanha a escola desde muito tempo, e por isso incomoda tanto a comunidade como os gestores da escola, optou-se por elaborar este trabalho de pesquisa, fazendo um recorte dessa dificuldade de aprendizagem que se tem apresentado.

3.1 PROCEDIMENTOS

Para maior compreensão dos fatos, será usada a abordagem da pesquisa qualitativa. A pesquisa qualitativa traduz e expressa os sentidos dos fenômenos no mundo social, reduz a distância entre a teoria e os dados na sua grande maioria. Os estudos qualitativos são feitos no local de origem dos dados, o que é o caso desta pesquisa. Com o uso da abordagem qualitativa, ferramentas como entrevista estruturada e observação ocupam um lugar privilegiado nas novas abordagens de pesquisa educacional (LÜDKE; ANDRÉ, p. 26).

A pesquisa qualitativa caracteriza-se principalmente, por estudar subjetividades, valores, crenças, representações da realidade e fenômenos complexos, comportando observações intensivas e prolongadas nas quais os registros devem ser bem observados e detalhados. Como são muito frequentes e valorizados, os estudos qualitativos no campo educativo, ver-se-á a abordagem de Lüdke e André (1996) sobre os conceitos da pesquisa qualitativa apresentando cinco traços básicos:

- a) possuir o ambiente natural como fonte direta de dados e o principal instrumento é o pesquisador. Como os problemas são estudados no ambiente em que eles ocorrem naturalmente, esse tipo de estudo também é chamado naturalístico, e como os fenômenos são influenciados pelo seu contexto, é fundamental que se entendam as circunstâncias particulares em que um determinado objeto se insere;
- b) os dados coletados são predominantemente descritivos;
- c) a preocupação com o processo é maior do que com o produto. O interesse é verificar como determinado evento ocorre nas atividades, nos procedimentos e nas interações cotidianas;
- d) o pesquisador deve capturar a ‘perspectiva dos participantes’, pois o ‘significado’ que as pessoas dão ao evento são os principais focos de atenção do pesquisador;
- e) a análise dos dados tende a seguir um processo indutivo, onde o desenvolvimento do estudo aproxima-se de um funil: no início com foco de interesses amplos que se tornam mais diretos e específicos no

decorrer do estudo (LÜDKE; ANDRÉ 1996, p. 11-12).

A pesquisa qualitativa orienta a coleta e a análise de dados, na qual o interesse de estudo vai se alongando à medida que a pesquisa se desenvolve e as questões de foco e interesse amplo vão-se estreitando, chegando, ao final, mais diretas e específicas. A pesquisa qualitativa utiliza técnicas de dados, como a observação participante, história ou relato de vida, entrevista e outros (COLLIS; HUSSEY, 2005).

Para o desenvolvimento concreto da pesquisa utilizou-se o método da pesquisa-ação.

Na pesquisa-ação os pesquisadores desempenham um papel ativo no equacionamento dos problemas encontrados, no acompanhamento e na avaliação das ações desencadeadas em função dos problemas. Sem dúvida, a pesquisa-ação exige uma estrutura de relação entre pesquisadores e pessoas da situação investigada que seja do tipo participativo. (THIOLLENT 2008, p. 17).

Segundo Barbier (2007), a pesquisa-ação é um objeto de pesquisa reflexivo que faz uma sistematização de ideia em uma linha de contexto que abrange as diferentes facetas do trabalho científico de fundamental importância na sistematização do trabalho de pesquisa uma vez que implica um estudo que exige ação de mudança, pois leva a buscar e a entender o grupo dentro do objeto de estudo. Ainda conforme Barbier (2007, p. 30) “A pesquisa-ação orienta se para uma participação crescente das populações envolvidas. Neste sentido a pesquisa-ação leva o pesquisador a seu universo de maneira mais sutil e envolvente, pois a intersubjetividade desse foco é entender o outro em sua coletividade”.

Para complementar essa linha investigativa, Barbier (2007, p. 41) segue afirmando que [...]

[...] os pesquisadores, distintos dos autores, oferecem conhecimento científicos, uma perícia profissional, não sob forma de conclusão (modelo de pesquisa aplicada), mas colocando-se à disposição do grupo para apresentar uma metodologia científica aplicável a um problema de ação.

3.2 O LOCAL DA PESQUISA E A SUA COMUNIDADE

A pesquisa foi realizada em uma escola da rede pública situada em Vila São João, povoado do Município de Carinhanha, caracterizada como uma escola de grande porte, localizada a 42 km da cidade de Carinhanha – Bahia e a 10 km de distância das margens do Rio São Francisco.

A escolha dessa escola se deu pelo fato de ter uma grande importância para o desenvolvimento, promoção e manutenção do povoado de Vila São João, onde a escola hoje conta com aproximadamente 900 alunos da educação infantil ao ensino médio e 60 funcionários internos, incluindo os professores.

O povoado é uma antiga reserva ecológica “ocupada” por agricultores do Movimento dos Trabalhadores Sem Terras (MST), que se tornou um assentamento administrado pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra).

A vila foi iniciada na década de 1980, sendo um lugar de encontro entre comunidades, onde, além de ser chamado pelo seu nome de origem, tem os nomes fictícios que foram apelidados por visitantes de Feirinha do Entroncamento, pois durante alguns anos, todos os sábados tinha a feira e todas as pessoas da redondeza se reuniam uns para por barracas e outros para comprar, era bastante movimentado. Com isso o povoado foi crescendo e os comércios foram aparecendo, e a feira aos poucos foi desaparecendo. Hoje poucas pessoas colocam barraquinhas de roupa.

Também se comemora com muito prestígio a festa de São João com festejos. E para saber um pouco mais da história da comunidade de Vila São João, foram entrevistados os seus primeiros moradores e os fundadores do povoado “seu João Damasceno” e “seu Florzinho”, aqui denominados como morador 01 e morador 02, respectivamente, conforme falas no Apêndice 1. Eles dizem que a comunidade começou através de suas ações, um por que tinha a barraquinha de café e foi vendendo para os feirantes, e o lugar foi crescendo; o outro já relata que começou com a doação dos terrenos para a construção dos barracos e, de repente, o lugar cresceu, e a escola que presidia em uma comunidade próxima passou a ser no Povoado de Vila São João.

Sua economia é baseada na agricultura de subsistência, criação de gado de corte e de leite, caprinos, ovinos, suínos, aves. A renda baseia-se em recursos de programas sociais, aposentadorias, pensionistas e assalariados.

Em relação ao nível de escolarização desses moradores, alguns só estudaram até a quarta série do ensino fundamental, e outros são analfabetos.

Desde 2010, a escola participa do Programa Educando com a Horta Escolar (PEHE), e com o Plano de Desenvolvimento da Escola (PDE), recebe recursos do Programa Dinheiro Direto na Escola (PDDE). Além desses recursos, alguns alunos participam do Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (PETI) do Programa Nacional de Inclusão de

Jovens (ProJovem Adolescente). E no ano de 2012 foi contemplada com uma sala de Atendimento Educacional Especializado (AEE), porém só está equipada com os instrumentos, mas ainda não possui um profissional da área para o acompanhamento ao aluno com dificuldade de aprendizagem e por isso não está funcionando.

A maioria desses alunos é proveniente de famílias carentes, oriundas de vários municípios do Estado da Bahia e de todo o Nordeste, com manifestações culturais diversificadas.

3.3 SUJEITOS DA PESQUISA

Os participantes deste estudo foram três professores que atuam no terceiro e quarto anos do ensino fundamental. A escolha se deu pelo fato de atuarem em turmas com um número de alunos com dificuldades de aprendizagem. Os professores entrevistados foram aqui nominados como Adriana, Bianca e Carla, todos possuem nível superior completo em diferentes áreas de formação. Também foi entrevistada uma coordenadora pedagógica, uma gestora e uma vice-gestora e cinco mães de alunos cujos nomes são fictícios.

Eis o perfil dos representantes da escola:

– Professora Adriana – formada em biologia e possui 12 anos de experiência na docência. Porém esse foi seu primeiro ano com os anos iniciais do ensino fundamental.

– Professora Bianca – formada em pedagogia, pós-graduada e possui dez anos de experiência na docência e desde muito tempo vem atuando com os anos iniciais do ensino fundamental.

– Professora Carla – graduada em história, tem 12 anos na docência e desde muito tempo atua com os anos iniciais do ensino fundamental 1.

– Coordenadora – aqui identificada como coordenadora Zilda, possui 12 anos de exercício na docência, é formada em pedagogia e história e também pós-graduada em gestão ambiental.

– Diretora – identificada como diretora Eduarda, é graduanda em pedagogia possui 14 anos de experiência na docência, e esse é o primeiro ano na direção escolar.

– Vice-diretora – identificada como vice-diretora Yêla, possui 18 anos de experiência na docência e já passou por várias experiências no contexto escolar. Ainda não possui graduação superior, sua formação é o magistério.

Em relação à entrevista com os pais, somente as mães compareceram: todas domésticas na faixa etária de 20 a 60 anos de idade. Dessas cinco, apenas uma concluiu o ensino médio e apenas uma tem trabalho fixo, as outras apenas trabalham na roça para ajudar no sustento da casa e dos filhos, a saber:

– Mãe Ana possui a segunda série do ensino fundamental, trabalha na escola como auxiliar de serviços diversos e tem 45 anos.

– Mãe Bruna possui o magistério, mas devido um problema de saúde não atua na área, é apenas doméstica e tem 38 anos.

– Mãe Silvia relata que estudou até a sétima série, tem cinco filhos e só cuida deles e quando pode ajuda o marido na roça ela tem 24 anos.

– Mãe Dalva também só estudou até a quinta série, trabalha como doméstica e ajuda o marido na roça, ela tem 28 anos.

– Mãe Eva é avó, aposentada e ainda trabalha na roça. Diz trabalhar por gostar e também por necessidade. Tem 62 anos, criou os filhos e agora cuida dos netos.

Por fim, uma aluna de nove anos que está no quarto ano e ainda não sabe ler, aqui tratada como Andreia.

3.4 INSTRUMENTOS

Para maior clareza e compreensão deste trabalho, foram utilizados os seguintes instrumentos: análise documental – estudo dos documentos da instituição como, por exemplo, projeto político-pedagógico; observação participante em sala de aula; entrevistas semiestruturadas com os professores, coordenadores pedagógicos, gestor, vice-gestor e pais dos alunos. Todas essas informações foram registradas em diário de campo.

3.4.1 Entrevista Semiestruturada

Segundo Manzini (*apud* TRIVIÑOS, 1987, p. 146), a entrevista semiestruturada tem como característica questionamentos básicos apoiados em teorias e hipóteses que se relacionam ao tema da pesquisa. Os questionamentos dariam frutos a novas hipóteses surgidas a partir das respostas dos informantes. O foco principal seria colocado pelo investigador-entrevistador. Complementa o autor, afirmando que a entrevista semiestruturada “[...] favorece não só a descrição dos fenômenos sociais, mas também sua explicação e a

compreensão de sua totalidade [...]” além de manter a presença consciente e atuante do pesquisador no processo de coleta de informações (TRIVIÑOS, 1987, p. 152).

Para Manzini (1990-1991, p. 154), “a entrevista semiestruturada está focalizada em um assunto sobre o qual confeccionamos um roteiro com perguntas principais, complementadas por outras questões inerentes às circunstâncias momentâneas à entrevista”. Para o autor, esse tipo de entrevista pode fazer emergir informações de forma mais livre, e as respostas não estão condicionadas a uma padronização de alternativas.

3.4.2 Observação

A observação como técnica de coleta de dados na pesquisa qualitativa foi estudada por vários autores como Haguette (1995) Minayo (1994), Triviños (1987), Lüdke e André (1986), entre outros.

Para Minayo (1994), a entrevista, ao lado da observação participante, é a técnica mais usada no trabalho de campo. De acordo com Bruyín (*apud* Haguette, 1995), observação participativa é um processo de interação entre a teoria e os métodos utilizados pelo pesquisador na sua busca de conhecimento, não só da perspectiva humana como da própria sociedade.

Já Schwartz e Schwartz (*apud* Haguette, 1995, p. 62) definem observação participante como [...]

[...] um processo no qual a presença do observador numa situação social é mantida para fins de investigação científica. O observador está em relação face a face com os observados, e, em participando com eles em seu ambiente natural de vida, coleta dados. Logo, o observador é parte do contexto, sendo observado, no qual ele ao mesmo tempo modifica e é modificado por este contexto. O papel do observador participante pode ser tanto formal como informal, encoberto ou revelado, o observador pode dispensar muito ou pouco tempo na situação da pesquisa; o papel do observador participante pode ser uma parte integral da estrutura social ou ser simplesmente periférica com relação a ela.

Portanto, observação participante é um método em que o pesquisador toma parte do cotidiano do grupo ou organização pesquisada, com o objetivo de entender em profundidade o ambiente pesquisado.

Segundo a Infopédia (2003-2013):

A observação participante é uma técnica de investigação social em que o observador partilha, na medida em que as circunstâncias o permitam, as atividades, as ocasiões, os interesses e os afetos de um grupo de pessoas ou

de uma comunidade (Anguera, Metodología de la observación em las Ciencias Humanas, 1985) É, no fundo, uma técnica composta, na medida em que o observador não só observa como também tem de se socorrer de técnicas de entrevista com graus de formalidade diferentes. O objetivo fundamental que subjaz à utilização desta técnica é a captação das significações e das experiências subjetivas dos próprios intervenientes no processo de interação social. Como o observador tem de se integrar num grupo ou comunidade que, em princípio, lhe é estranho, ele sofrerá um processo de ‘ressocialização’ (Anguera), tendo, frequentemente, de aprender novas normas e linguagens ou gírias e de representar novos papéis, o que coloca problemas particulares relativos à objetividade científica. Por outras palavras, o investigador encontra-se numa tensão permanente entre a necessidade de se adequar às características do grupo e a necessidade de manter o necessário espírito crítico e a isenção científica (INFOPÉDIA, 2013).

CAPÍTULO 4 DADOS E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

Ao propor refletir sobre as dificuldades de aprendizagem no processo de alfabetização dos alunos do ensino fundamental, têm-se presentes vários eixos. Ao seguir esses eixos, faz-se uma interface por meio das relações da vivência e dos conhecimentos, dada a importância do estudo em questão. Propõe-se refletir e falar da conversa/pesquisa com os alunos, pais (estes representados pelas falas das mães), professores e gestores do ensino fundamental sobre as diferentes questões e fatores que contribuem para o fracasso escolar e também os que contribuem para a permanência no ensino.

4.1 ANÁLISES

Essa análise de resultados foi baseada nas falas recorrentes sobre o tema pesquisado nas várias questões apresentadas/perguntadas a todos os sujeitos de pesquisa.

Quando questionadas sobre como identificar as dificuldades de aprendizagens numa criança no processo de aprendizagem da leitura e escrita, foi recorrente na fala das professoras que elas percebem quando a criança não consegue interpretar/compreender conceitos ou não entende o processo convencional de aquisição e desenvolvimento da leitura. Numa outra resposta, as professoras pesquisadas vincularam a dificuldade de aprendizagem ao fato de a criança ter dificuldade para realizar as tarefas propostas por elas. Por conseguinte, acreditam que as dificuldades de aprendizagem podem ser identificadas no aluno quando ela apresenta fadiga/cansaço e desmotivação em aprender.

Sobre isso, a professora Bianca relata: “É preciso ter todo um cuidado com esses alunos, já que não conseguem se desenvolver como os outros, muitos deles são agressivos, desobedientes e por que não dizer indisciplinados e também tem alguns que apresentam raciocínio lento”.

Nas palavras de Major (1990, p. 2),

O termo dificuldade de aprendizagem é mal interpretado, em parte, devido às várias definições que lhe foram atribuídas. Geralmente, quando falamos de uma criança com um problema de aprendizado, nos referimos a uma criança de inteligência mediana (ou acima da média), sem problemas emocionais ou motores sérios e que pode ver e ouvir dentro dos parâmetros normais, porém, que ainda assim apresenta algumas dificuldades nas atividades escolares habituais. Esta criança não é o ‘aprendiz vagaroso’, que não tem habilidade de aprender em ritmo normal, nem a criança emocionalmente perturbada ou socialmente mal ajustada, embora a criança com dificuldade de aprendizagem seja provavelmente frustrada.

E diante da reflexão sobre o processo de ensinar e aprender, expõe a professora Carla: “O processo de ensinar e aprender é um trabalho árduo, porém muito prazeroso, quando se faz o que gosta, ou seja, a importância do amor naquilo que realiza o ensino – aprendizagem compreende se como uma troca, onde ambas as partes ganham no processo”. Também contemplando o enunciado sobre ensinar e aprender a discussão gira sobre como são construídos os critérios de realização das atividades e como as mesmas são planejadas.

Conforme relata a coordenadora Zilda:

Alfabetizar as crianças, sobretudo as das camadas populares é uma discussão que extrapola o campo pedagógico, mediante isso a escola procura incluir essa demanda em sua prática de ensino e também aplica aula de reforço. [...] O currículo compreende a organização e construção social do conhecimento que está associada o ensinar e o aprender no campo educacional, assim, percebe se que esses dois eixos é considerado os mais importantes no processo ensino aprendizagem dos alunos que se dar através das ações pedagógicas considerando a realidade dos alunos (C. Zilda).

A diretora Eduarda declara: “Ensinar e aprender consiste em mediar conhecimentos para os educandos de forma que possa interpretar e socializar um com o outro e com a sociedade resultando no ensino aprendizagem”.

E também complementa a professora Bianca:

É um processo bem complexo, mas ele depende, em parte, da formação pré-escolar que é ministrada a criança em ambientes especializados, como creches, jardim de infância, escolas, locais estes, em que ela tem a oportunidade de viver sua primeira experiência de atividades em grupo. (P. Bianca):

E para contemplar esta reflexão sobre ensinar e aprender ainda relata a professora Adriana: “É doar conhecimento e ao mesmo tempo adquirir do aluno, para contribuir em uma boa educação ou estruturação melhor de conhecimento”.

Fica claro que esse trabalho é feito através da participação dos alunos por meio da avaliação como processo contínuo, sendo feito um planejamento junto à coordenação, levando em conta a necessidade deles, buscando encontrar subsídios, através de novos métodos de ensino projetos e pesquisas.

Em relação a ensinar e aprender Freire (1996, p. 23) propala:

[...] É neste sentido que ensinar não é transferir conhecimentos, conteúdos nem formar é ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado. Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos apesar das diferenças que os conotam, não se

reduzem à condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. [...].

Nesse sentido, seguindo o pensamento de Freire (1996), ensinar e aprender compreende-se em um processo dinâmico de trocas de experiências por meio de uma ação pedagógica sistêmica e transformadora onde ensinar exige um ato solidário entre quem aprende e quem ensina, pois um depende do outro. A docência conduzida neste sentido dá a forma ao sujeito que deseja ser educado.

Sobre os aspectos que provocam a ocorrência das dificuldades de aprendizagens vários fatores foram lembrados e relatados. Há diversos fatores: família desestruturada psicologicamente, emocionalmente, financeiramente e até mesmo fisicamente. Com isso acarretam várias necessidades, entre elas, a falta de alimentação adequada em casa e até mesmo na escola; a falta de participação dos pais na vida escolar de seus filhos, os quais na maioria das vezes estão trabalhando pesado para a sobrevivência da família. Alguns professores não levam esses aspectos em consideração, entendendo como falta de motivação para o aluno que também existe. Segundo a professora Bianca:

Infelizmente é uma série de fatores que contribuem para o fracasso escolar dos educandos, vou listar aqui apenas alguns. Primeiro a carência pela falta de afeto e atenção da própria família, segundo aqueles decorrentes dos métodos de ensino que muitas vezes não correspondem ao nível de conhecimento do aluno (P. Bianca).

Há falta de recursos financeiros que incentivem novas atividades na escola para colaborar no ensino. Some-se a isso os métodos arcaicos de ensino utilizados, que tornam as aulas maçantes, sendo necessário implementar práticas de ensino que estabeleçam uma aprendizagem significativa através de novas estratégias pedagógicas.

É importante também que o aluno tenha a oportunidade de traçar seu próprio método de aprendizagem, que possa adquirir e desenvolver autonomia nesse processo. Além dos materiais didáticos propostos pelo professor, estão em condição de aprendizagem e de pesquisa os próprios alunos, que devem ser estudados e pesquisados de acordo a necessidade de cada um e as condições de ensino que cada um traz de seu seio familiar e de sua cultura. De acordo com Ferreiro e Teberosky (1991, p.11), “[...] além dos métodos, dos manuais, dos recursos didáticos, existe um sujeito que busca a aquisição de conhecimento, que propõe problemas e trata de solucioná-los, seguindo sua própria metodologia”.

Em relação ao trabalho com os alunos que apresentam dificuldade na aprendizagem da leitura e escrita, as respostas mais frequentes são: primeiro para desenvolver

o trabalho com essas crianças, necessita-se detectar qual a dificuldade que elas apresentam para depois fazer todo um planejamento voltado para elas. Também um dos fatores que acarretam dificuldade em trabalhar são as salas superlotadas, a motivação dos alunos e a falta de recursos financeiros e de outras ordens de recurso na escola.

Quando se pergunta acerca da reflexão sobre a dificuldade de aprendizagem dos alunos e se os alunos com dificuldades são capazes de se desenvolver, a resposta é sim. Confirmando isso, a professora Adriana expõe:

Sim, com certeza eles são capazes, o desenvolvimento do aluno depende muito do tamanho da turma, acompanhamento do professor e reforço em horário oposito ajuda muito, desenvolver atividade com mais especificidade com o numero menor de aluno fica mais fácil ser trabalhado e o desenvolvimento da turma tem mais êxito.

A professora Bianca complementa: “Com certeza, tive exemplos em minha turma neste ano de 2012 com alunos que apresentavam diversas dificuldades e que muitos colegas não acreditavam mais em seu aprendizado, mas aos poucos ganhei sua confiança e eles aprenderam”.

Diante da reflexão apresentada pelas professoras, percebe-se que elas demonstram entusiasmo em consonância ao ensino-aprendizagem. Segundo elas todos os alunos com dificuldade de aprendizagem na leitura e escrita são capazes de se desenvolver e adquirir a aquisição da leitura e da escrita. Neste sentido, entende-se que a adequação do método, a confiança no professor, o tamanho da turma fazem muito sentido nesse processo de ensino-aprendizagem.

É preciso que nós, professores, acreditemos em nossa capacidade e também na capacidade das crianças, e buscar meios de detectar as dificuldades apresentadas por esta/este aluna(o). Esta descoberta será útil no sentido de nós, professores, procurarmos novos métodos de ensino que auxiliem esta aluna(o) no significado da sua real aprendizagem, ou seja, ela(e) possa de fato aprender a ler e a escrever, e ao mesmo tempo, desenvolver-se humanamente.

Para tanto, é necessário na dialógica do saber um fundamento de amor e fraternidade, respeito e solidariedade para reconhecer a força que tem cada sujeito quando si celebram em comunhão o mesmo objetivo, pois a aprendizagem é algo incessante e deve ser conduzida com amorosidade, para que o gosto e desejo por ela sejam concebidos por toda a vida.

Refletindo sobre todo o processo e analisando as falas dos professores, das mães, do diretor, do coordenador e de todos os entrevistados, observa-se que a culpa do fracasso escolar é sempre de outra pessoa. Os pais culpam a escola que culpa os pais e assim sucessivamente. Quando questionada sobre a escola de hoje a Mãe Ana expõe:

O acesso à escola e as oportunidades de estudar melhoraram, mas em minha opinião muita das vezes o ensino piorou, falta mais suporte na escola e ensino de qualidade, a escola avançou muito tem mais profissionais, mas o professor tem que saber usar sua criatividade e inovar.

Já a Coordenadora Zilda relata que as maiores dificuldades são [...]

[...] decorrentes de vários fatores principalmente a falta de estrutura familiar, que implica acompanhar e auxiliar seus filhos no processo ensino aprendizagem, onde a pratica do professor muitas vezes não atende as necessidades vitais dos educandos.

E a diretora Eduarda revela como são analisados esses fatores que causam dificuldade de aprendizagem na criança: “É feito um diagnóstico, através da leitura com cada aluno, atividades, observações e por meio do diálogo com os mesmo e seus respectivos professores, pois nesta escola tem alunos no sétimo ano que ainda não sabe ler (sic)” (D. Eduarda). E ainda quando questionada sobre quais estratégias a escola usa para minimizar esses fatores da dificuldade de aprendizagem na leitura e escrita, a diretora Eduarda complementa dizendo:

Nós, da direção, sabendo da dificuldade dos alunos, escrevemos para o MEC [Ministério da Educação] solicitando mais recurso para investir nos alunos, então o MEC enviou livros de literatura, o trilha, mas infelizmente a maioria dos professores não exploram os matérias e alguns que utilizam não tem cuidado deixam os alunos bagunçar e rasurar o material, alunos leva para casa e não devolve. A escola também trabalha com os projetos envolvendo todas as disciplinas e no final faz a culminância. (D. EDUARDA)

Porém, sabe-se que os problemas da dificuldade de aprendizagem incluem uma gama de fatores, e os fatores primordiais, que muitas vezes se apresentam desarticulados, são o planejamento e o compromisso do professor. Se há descompromisso do professor, o aluno não é promovido nem incentivado a entender a prática educativa como algo importante e significativa para o seu desenvolvimento humano.

Segundo Piaget (1997, p. 29-33), [...]

[...] falar de um direito à educação é, pois em primeiro lugar, reconhecer o papel indispensável dos fatores sociais na própria formação do indivíduo [...] o direito à educação intelectual e moral implica algo mais que um direito a adquirir: trata-se de um direito a forjar determinados instrumentos

espirituais, mais preciosos que quaisquer outros, cuja construção requer uma ambiência social específica, constituída não apenas de submissão [...]

No planejamento, o que pensa o aluno nunca é levado em consideração. Antes é tudo posto ao aluno como uma obrigação, e aluno não gosta de ser obrigado ou pressionado a fazer algo, ninguém gosta disso. Complementando o enunciado, Freire (1996 p. 33) garante:

[...] Mulheres e homens, seres históricos – sociais, nos tornamos capazes de comparar, de valorar, de intervir, de escolher, de decidir, de romper, por tudo isso nos fizemos seres éticos. Só somos porque estamos sendo. Esta sendo é a condição, entre nós, para ser. Não é possível pensar os seres humanos longe, sequer, da ética, quanto mais fora dela. [...]

A escola passou a ser muitas vezes um local desprivilegiado, onde o aluno não tem liberdade de se expressar e se desenvolver dialogicamente, pois logo no início da escolarização o professor poda/corta o aluno. Faz com que essa criança cresça frustrada e sem desejo de estudar, pois a maneira como é conduzido o ensino acaba levando a criança a ter um certo bloqueio na aprendizagem da leitura e escrita, que, se não for reconhecido, causará prejuízo enorme a esse aluno. E aí, muito provavelmente a escola passará a ser um local de insatisfação para ele.

A escola pode humilhar, ameaçar e desencorajar, mais do que reforçar o eu, libertar ou encorajar a criança. Temos o hábito de dizer que mandamos as crianças para a escola para aprenderem. O que se faz tradicionalmente é ensinar-lhes pensar erradamente, perdendo elas a sua espontaneidade e curiosidade, submetendo-as muitas vezes a normas de rendimento e eficácia ou a métodos ou correntes pedagógicas que estão na moda. (FONSECA, 1995, p. 19).

Com relação à falta de participação da família na vida escolar do aluno, observa-se pela opinião da maioria das professoras que isso, não raro, acontece em muitas escolas. Contemplando a ideia acima citada a professora Carla ressalva: “Há falta de apoio da família. Existe no lugar em que trabalho várias famílias desestruturadas e que não estão nem aí para o aprendizado do filho, pensam que a escola é só um depósito de crianças”. (P. Carla)

E ainda para reforçar a ideia da professora, a mãe Silvia comenta quando indagada se ajuda os filhos a desenvolver sua atividade de casa: “Não tenho tempo para ensinar ele, pois tenho ainda mais os outros quatro e quando tento ensinar ele os outros não deixam, o meu esposo não sabe ler, mas todo dia eu pergunto se tem atividade de casa e quando tenho tempo sento com eles para ler.” (M. Sílvia)

Devido a vários motivos, muitas famílias ficam alheias ao que o aluno aprende ou como está seu rendimento na escola; não ajudam nas tarefas escolares, não participam da vida

escolar dos filhos, reuniões, enfim ficam de fora do processo de aprendizagem. Isso é um problema, pois é importante que a família participe, já que a criança está em pleno desenvolvimento, e o apoio familiar é imprescindível em todos os níveis de aprendizagem. Neste sentido, a Constituição Federal no artigo 227 estabelece:

É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança, ao adolescente e ao jovem, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão (BRASIL, 1988).

Com esse apoio, a criança terá oportunidade de contemplar a sua vivência com o grupo e integrar-se socialmente. Considerando a criança um ser ativo que constrói o seu próprio conhecimento na interação com o ambiente, é necessário que esteja interessada e em condições de responder aos desafios da aprendizagem da leitura e escrita. Segundo Morais (1997, p. 20), “a leitura envolve, primeiramente, a identificação dos símbolos impressos (letras, palavras) e a relação existente entre estes símbolos e seus respectivos sons”.

Dessa forma, para reforçar mais ainda o que disseram os professores e compreender melhor o processo educativo e as dificuldades de aprendizagem dos alunos, indaguei às mães de alunos com dificuldade na aprendizagem, para perceber o que elas pensavam sobre o processo de ensino-aprendizagem, destacando a importância da escola e as relações constituintes entre a escola de ontem e a escola de hoje. “O acesso à escola e as oportunidades de estudar melhoraram, mas em minha opinião muitas vezes o ensino piorou, avançou muito, tem mais profissionais, mas o professor tem que saber usar sua criatividade e inovar (M. Bruna)”. Complementa ainda Mãe Dalva: “A educação em parte melhorou muito, mas parece que no castigo o aluno aprendia mais, antes os alunos obedecia mais os professores e os pais (sic)” (M. Dalva).

Assim, quando questionadas sobre o que acham da professora de seu filho, se estas estão preparadas; e o porquê de seus filhos mostrarem tanta dificuldade em aprender, uma mãe respondeu que a escola ainda está muita “precária”, que a maneira como os pais tratam os filhos em casa influencia o comportamento deles na escola. Outra relatou que “muitos professores precisam mudar seus métodos de ensino e a forma como lidam com os alunos em sala de aula (M Ana).” E para entender melhor essas queixas, expõe-se a fala da mãe Bruna:

Esse ano foi uma troca de professor que nem deu para conhecer o mesmo, por isso acredito que faltou preparação de professor ou mesmo mais

organização da escola, pois era um professor diferente toda semana e, isso confunde a mente da criança. Acredito que a desmotivação do meu filho é a brincadeira com os colegas de rua pelo menos é o que vejo ao acompanhar ele além desse problema da troca frequente de professor (M. Bruna.).

O que se observa nessa colocação dos pais é que estes têm consciência de muitos dos problemas que afetam a escola hoje e conseqüentemente o aprendizado de seus filhos.

Sobre o assunto, Freire (1996, p. 24) acrescenta: “Quando vivemos a autenticidade exigida pela prática de ensinar-aprender participamos de uma experiência total, diretiva, ideológica, gnosiológica, pedagógica, estética e ética, em que a boniteza deve achar-se de mãos dadas com a seriedade”.

Quanto aos questionamentos feitos à aluna Andreia sobre a escola que deseja e o que quer que melhore nessa escola, foi respondido da seguinte forma: “que desejo professores a qual conversa (sic) com os alunos, lhes dê atenção e os trate com carinho e que as aulas sejam mais dinamizadas, uma escola mais organizada e uma merenda de qualidade” (Andreia).

Na questão sobre o que a aluna Andreia mais gosta na escola ela responde: “Gosto de estudar... Brincar de pega, da merenda e de brincar de *adedonha*.” E sobre a atividade em sala de aula que ela mais gosta Andreia responde que gosta de “tarefa de brincar, caça-palavras, bingo... Brincar de correr, atividade de desenhar, de filme.” E quanto à merenda da escola ela relata que: “É boa, mais tem vezes que está ruim sem tempero, também às vezes é pouco não dá para todo mundo” Sobre o que Andreia acha dos professores ela comenta: “Só tem um que não gosto, gosto de professor que não deixa os alunos atentar, que conversa e também não briga com a gente” (Andreia).

Quanto ao acompanhamento de sua mãe na sua vida escolar e se ajuda nas tarefas de casa, ela responde que “Não, ela não sabe ler”. E se a aluna gosta quando a professora passa atividade para casa ela relata: “Não muito, pois as tarefas são difíceis e não sei responder” (Andreia).

Ao fundar-se no amor, na humildade, na fé nos homens, o diálogo se faz uma relação horizontal, em que a confiança de um polo no outro é consequência óbvia. Seria uma contradição se, amoroso, humilde e cheio de fé, o diálogo não provocasse este clima de confiança entre seus sujeitos. Por isto inexistente esta confiança na antidualogicidade da concepção ‘bancária’ da educação. (FREIRE, 2005, p.94).

Tanto o potencial herdado quanto a qualidade de experiências da criança têm muito a ver com suas condições para responder ao processo de alfabetização. Esse estado de

alerta, entretanto, difere de criança para criança, pois as crianças chegam à escola em condições diferentes de experiência. “Quando as táticas comuns de recompensa e de punição fracassam, pais e professores tornam-se frustrados, mas ninguém sente mais frustração que os próprios estudantes” (SMITH; STRICK, 2001, p. 14).

Conclui-se esta análise enfatizando que cabe ao professor descobrir com criatividade e afetividade como se processa o desenvolvimento dessa criança, pois muitas delas com dificuldades de aprendizagem já vêm de um contexto de opressão e desvalorização tanto da família como de alguns professores e colegas. Nesse contexto, entra o papel primordial do educador, que deve ser amoroso, valorizando e mantendo a autoestima dessa criança em alta, mostrando-lhe que é capaz. Não considerar que criança nenhuma seja tábula rasa é muito importante para o educador. Toda criança traz saberes já adquiridos.

Como ensina Freire (1996), é a partir do conhecimento de mundo também da criança que o professor pode encontrar novas possibilidades de ensino-aprendizagem. Freire (1996, p.145) ainda destaca:

É esta percepção do homem e da mulher como seres ‘programados, mas para aprender’ e, portanto, para ensinar, para conhecer, para intervir, que me faz entender a prática educativa como um exercício constante a favor da produção e do desenvolvimento da autonomia de educadores e educandos.

Assim, é necessário que a escola promova um processo onde o respeito e a igualdade de oportunidades instaurem para que todos possam desenvolver suas potencialidades, independentemente de suas peculiaridades, com projetos educativos que agucem nos alunos desejo e gosto de aprender.

4.2 ANÁLISE DO PROJETO POLÍTICO-PEDAGÓGICO

Entende-se o PPP como eixo norteador na construção pedagógica e no desenvolvimento estrutural escolar. Esse projeto foi analisado reconhecendo sua importância dentro do contexto ensino-aprendizagem, buscando entender os objetivos e ações previstos no seu bojo para ajudar na dificuldade de aprendizagem dos alunos no processo de aquisição da leitura e da escrita.

O Projeto Político-Pedagógico é o plano global da instituição. É entendido como a sistematização, nunca definitiva, de um processo de planejamento participativo, que se aperfeiçoa e se objetiva na caminhada, que define claramente o tipo de ação educativa que se quer realizar. Trata-se de um importante caminho para a construção da identidade da escola. É um instrumento teórico de transformação da realidade (VASCONCELLOS,

2005, p.169). [...] Visa ajudar a enfrentar os desafios cotidianos, só que de uma forma refletida, consciente, , orgânica, científica, e, o que é essencial, participativa. É um elemento de organização e integração da atividade prática da instituição neste processo de transformação, na medida em que expressa o compromisso do grupo com uma caminhada. Em termos de elaboração contempla a reflexão em três dimensões fundamentais: projeção de finalidades, análise da realidade e elaboração das formas de mediação (VASCONCELLOS, 2005, p. 98).

A escola pesquisada possui o Projeto Político-Pedagógico com ações e estruturas bem planejadas, mas entende-se que nunca está pronto e acabado. Necessita ser moldado e reestruturado a cada ano por meio de um trabalho coletivo da comunidade escolar. Observando seu conteúdo, isso não é perceptível, pois não sofreu alterações nos últimos dois anos, impedindo assim que se faça um análise conceitual de maneira aprofundada sobre os projetos e ações realizados ultimamente na escola. As informações sobre o contexto estruturante da escola estão desarticuladas, pois observa-se que as mudanças ocorridas na escola não foram anexadas ao projeto político-pedagógico.

Todavia o PPP leva em conta os seguintes eixos norteadores: a Constituição Federal de 1988; a Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei Diretrizes e Bases da Educação – LDB); a Lei n.º 8.069, de 13 de julho de 1990, que dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA); as orientações do Conselho Municipal de Educação de Carinhanha; a Lei n.º 11.645, de 10 de março de 2008; a Resolução CNE/CEB n.º 1, de 3 de abril de 2002, o Regimento Unificado das escolas municipais; e a Proposta Pedagógica do Município.

Segundo a vice-diretora, o projeto foi construído junto com a comunidade escolar e que as ações contidas nele sempre estão envolvidas com os trabalhos que a escola faz, o qual sempre é sondado para buscar desenvolver as atividades escolares. Porém analisando PPP da escola não se verificaram ações vigentes que objetivassem um estudo voltado para as crianças com dificuldades de aprendizagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tecer comentários finais sobre dificuldade de aprendizagem no processo de alfabetização do ensino fundamental não é tarefa fácil de cumprir, pois reflete um processo complexo e diversificado, principalmente pela abrangência de fatores os quais supostamente contribuem para o fracasso escolar.

Assumi aqui fazer uma reflexão acerca das dificuldades de aprendizagem por meio do diálogo entre os docentes e alguns pais. Neste trabalho, buscou-se refletir sobre as dificuldades de aprendizagens dos alunos do ensino fundamental de uma escola da rede pública municipal em Carinhanha – Bahia. Nesta reflexão faço minhas conclusões a cerca do processo de ensino aprendizagem por meio de uma análise a respeito da gama de fatores que contribuem para o fracasso escolar dos alunos em processo de alfabetização. Diante das cogitações feitas é ressaltado como um dos maiores problemas encontrados no processo de alfabetização e que dificulta a aprendizagem da criança são supostamente os fatores decorrentes da falta de acompanhamento constante dos pais na vida escolar dos seus filhos, a falta de planejamento nas atividades concebidas em sala de aula, também a falta de uma parceria maior entre a gestão, coordenação e corpo docente possibilitando assim em um envolvimento mais dinamizado e de relações afetivas e harmoniosas entre todo o ambiente escolar.

Nesse sentido, rever a prática docente e as ações da escola como primordial no desenvolvimento concreto do educando. Em vez de as medidas virem de fora, de cima e descompromissadamente, a escola deve assumir o compromisso de garantir a aprendizagem de seu alunado no menor tempo possível, porque em se tratando de criança de nível socioeconômico baixo e de curta permanência na escola, a variável tempo é muito importante. A escola tem de ter pressa de procurar oferecer à criança condições que permitam acompanhá-la no próprio ritmo de aprendizagem, valorizar tudo o que a criança sabe, e possibilitar-lhe conhecer novas ferramentas de ensino e utilizar de maneira criativa os recursos que a escola possui.

Diante das respostas apresentadas, percebe-se a necessidade de que o educador esteja atento para as dificuldades que possivelmente ocorrem no processo de ensino-aprendizagem, sobretudo na alfabetização. É bom lembrar que o aluno precisa ser visto também como único, com suas capacidades e possibilidades, podendo realizar a aprendizagem também de forma única. Logo, o educador deve atentar para os sinais que o aluno possa

transmitir e, ao perceber que ele apresenta necessidade de alguns conhecimentos que possam facilitar a sua aprendizagem, esse educador deve ter condições de trabalhar de modo a minimizar tais dificuldades, para que não haja prejuízo quanto ao aprendizado da leitura e da escrita, e que, sobretudo, o desenvolvimento humano desse aluno não seja comprometido.

Então, no sentido de esclarecer essa premissa, se o educador percebe a falha do sistema educacional, que manda para frente um aluno, que tem dificuldade de aprendizagem, esse educador deve dedicar o tempo que for necessário, para que o seu aluno apreenda o conhecimento que necessita, para então, fazer avançar a proposta de futuras etapas escolares. Se assim não fizer, é possível afirmar que esse professor não tem compromisso com a educação e nem respeito para com seus educandos.

Educação de qualidade é direito garantido pela Constituição Federal (CF). Diz a Constituição Federal no Cap. III, Seção I, Da Educação art. 205: “A educação, direito de todos e dever do Estado e da Família, será promovida e incentivada [...] visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania [...]”. O art. 206 [...] no inciso II estabelece: “[...] liberdade de aprender [...]” (BRASIL, 1988). Isso quer dizer que todo sujeito tem seu tempo de aprendizagem, e isso deve ser respeitado.

A mesma CF, ainda no art. 206, inciso VII, garante o direito à educação de qualidade (BRASIL, 1988). Uma educação de qualidade demanda muito compromisso por parte de todos envolvidos no processo, e esse processo deverá ser norteado para a construção de uma consciência crítica e reflexiva desse sujeito.

E neste contexto afirma Ferreiro (1992, p.12):

Em linhas gerais pode se considerar que a educação deve dar a criança condições de: desenvolver historicamente suas potencialidades; estimular seu desenvolvimento físico, afetivo, emocional e social; adquirir habilidades necessárias para a aprendizagem da leitura, da escrita e do cálculo; despertar a criatividade como elemento de autoexpressão; propiciar a interação com as pessoas; ver o senso crítico, agindo e interagindo no seu meio; ser capaz de construir seu próprio conhecimento.

Diante de toda observação feita no campo da pesquisa para refletir sobre as dificuldades de aprendizagem dos alunos do ensino fundamental, percebe-se que o processo constituinte desse fator tem vários conceitos e definições e chega-se à conclusão de que a ocorrência dos fatores que propiciam a dificuldade de aprendizagem vai além dos muros escolares, onde a culpa pelo fracasso escolar de alguns alunos não se refere só ao contexto escolar. Mas também a questões referentes à família, à ausência dela, causada na maioria das

vezes pela necessidade de os pais terem que trabalhar arduamente para a sobrevivência e subsistência da família, onde estão incluídos esses filhos. E não deixemos de ver aí o grande problema social que os envolve: a falta de planejamento familiar incluída no contexto e os poucos recursos financeiros disponíveis na escola.

Pensar no processo educacional e no desenvolvimento coletivo de uma escola requer mais que compromisso, pois estabelece entre os sujeitos uma relação de significações que devem ser envolvidas por meio da teoria e da prática de ensino. No diálogo com os professores, sente-se nas falas deles uma necessidade maior e compromissada de um envolvimento mais sistêmico por parte da Secretaria de Educação e dos professores, para que possam interagir e discutir sobre os problemas decorrentes das dificuldades de aprendizagem dos alunos.

No entanto, é preciso que os profissionais da educação estejam munidos de seu papel enquanto educadores, refletindo sobre sua prática de ensino e se estão sendo adequadas as necessidades de sua turma e se estão surtindo efeito. Além disso, é imprescindível buscar recursos e materiais disponíveis na escola para nela garantir o acesso e permanência dos alunos. Pois é visto que no processo de ensino-aprendizagem a maior responsabilidade está agrupada no educador e neste ressalta o papel constituinte de toda a escola, englobando todos os funcionários no sentido de que a escola sem parceria não evolui de forma satisfatória. E pensando nesta parceria a escola deve promover ações articuláveis e significativas para trazer os pais para dentro da escola sem prejudicar a aprendizagem de seu filho.

PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS

Tocando em Frente

Almir Sater

<i>Ando devagar</i>	<i>E das maçãs</i>
<i>Porque já tive pressa</i>	<i>É preciso amor</i>
<i>E levo esse sorriso</i>	<i>Pra poder pulsar</i>
<i>Porque já chorei demais</i>	<i>É preciso paz pra poder sorrir</i>
<i>Hoje me sinto mais forte,</i>	<i>É preciso a chuva para florir</i>
<i>Mais feliz, quem sabe</i>	<i>Todo mundo ama um dia,</i>
<i>Só levo a certeza</i>	<i>Todo mundo chora</i>
<i>De que muito pouco sei,</i>	<i>Um dia a gente chega</i>
<i>Ou nada sei</i>	<i>E no outro vai embora</i>
<i>Conhecer as manhas</i>	<i>Cada um de nós compõe a sua história</i>
<i>E as manhãs</i>	<i>Cada ser em si</i>
<i>O sabor das massas</i>	<i>Carrega o dom de ser capaz</i>
<i>E das maçãs</i>	<i>E ser feliz</i>
<i>É preciso amor</i>	<i>Conhecer as manhas</i>
<i>Pra poder pulsar</i>	<i>E as manhãs</i>
<i>É preciso paz pra poder sorrir</i>	<i>O sabor das massas</i>
<i>É preciso a chuva para florir</i>	<i>E das maçãs</i>
<i>Penso que cumprir a vida</i>	<i>É preciso amor</i>
<i>Seja simplesmente</i>	<i>Pra poder pulsar</i>
<i>Compreender a marcha</i>	<i>É preciso paz pra poder sorrir</i>
<i>E ir tocando em frente</i>	<i>É preciso a chuva para florir</i>
<i>Como um velho boiadeiro</i>	<i>Ando devagar</i>
<i>Levando a boiada</i>	<i>Porque já tive pressa</i>
<i>Eu vou tocando os dias</i>	<i>E levo esse sorriso</i>
<i>Pela longa estrada, eu vou</i>	<i>Porque já chorei demais</i>
<i>Estrada eu sou</i>	<i>Cada um de nós compõe a sua história</i>
<i>Conhecer as manhas</i>	<i>Cada ser em si</i>
<i>E as manhãs</i>	<i>Carrega o dom de ser capaz</i>
<i>O sabor das massas</i>	<i>E ser feliz</i>

Inspiro-me na letra da música de Almir Sater, para dizer que a trajetória do curso de Pedagogia foi uma história composta e trilhada em um caminho longo e bem acirrado, onde pude me encontrar nesse meio, construir amizades, refletir sobre a vida e construir uma

história de vida acadêmica reflexiva/ativa com muitas aprendizagens que me auxiliarão futuramente. Nesse sentido, digo que seguir uma carreira profissional necessita de muito amor, dedicação e perseverança apostando na sua própria capacidade e no “dom de ser capaz e de ser feliz”.

O curso de Pedagogia possibilitou ao longo de sua formação muitas aprendizagens e com isso perspectivas futuras. Assim, são muitas as minhas expectativas em relação ao campo profissional. Pretendo continuar minha carreira profissional, fazer cursos de pós-graduação, mestrado e chegar até o doutorado, e também participar de concursos públicos para atuar na área da educação. Pretendo trabalhar com o público infantil, pois foi uma área que me identifiquei muito além da Educação de Jovens e Adultos, que também gosto muito.

O curso de Pedagogia me tornou uma pessoa mais observadora e crítica. Hoje percebo a educação como o principal objetivo para promover um futuro melhor. E nessa linha de pensamento, quero fazer projetos por meio de cursos de extensão para melhorar a prática de ensino em algumas escolas, contribuindo para melhoria educacional, pondo em prática toda a aprendizagem adquirida no decorrer do curso.

REFERÊNCIAS

ANDALÓ, Carmen S. de A. O papel do psicólogo escolar. In: **Psicologia: Ciência e Profissão**. v. 4, n.1, p. 43-46, 1984 .

ANGUERA, María Teresa, **Metodología de la observación en las ciencias humanas**. Madrid: Editorial Cátedra, 1985.

BARBIER, René. **A pesquisa-ação**. Tradução de Lucie Didio, Brasília: Liber Livro, 2007.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**. Lembranças de Velhos. São Paulo: Cia das Letras, 1995.

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF Senado, 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm>. Acesso em: 15 mar. 2013.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Resolução CNE/CEB n.º 1, de 3 de abril de 2002. Institui Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 9 abr. 2002, seção 1, p. 32. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CEB012002.pdf>>. Acesso em: 15 mar. 2013.

BRASIL. Lei n.º 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 16 jul.1990 e retificado no DOU de 27 set.1990. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L8069Compilado.htm>. Acesso em: 15 mar. 2013.

BRASIL. Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 23 dez. 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm>. Acesso em: 15 mar. 2013.

BRASIL. Lei n.º 11.645, de 10 de março de 2008. Altera a Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei n.º 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 11 mar. 2008. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm>. Acesso em: 15 mar. 2013.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: matemática**. Secretaria de educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997. 142p.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e linguística**. São Paulo: Scipione, 1989.

CAMARGO, Orson. **Bullying**. Brasil Escola, 2013. Disponível em: <<http://www.brasilecola.com/sociologia/bullying.htm>>. Acesso em:

- CARVALHO, Isabel Cristina de M. **Educação ambiental**: a formação do sujeito ecológico. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2008.
- COLLIS, Jill; HUSSEY, Roger. **Pesquisa em administração**: um guia prático para alunos de graduação e pós-graduação. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.
- DESCARTES, René. **Meditações**. Coleção Os Pensadores, São Paulo: Nova Cultural, 1987.
- DURKHEIM, Émile. **Educação e sociologia**. São Paulo: Melhoramentos, 1978.
- FERREIRO, Emília. **Reflexões sobre alfabetização**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1992.
- _____.; TEBEROSKY, Ana. **A psicogênese da linguagem escrita**. Porto Alegre: Artmed, 1985.
- FONSECA, Vítor da. **Introdução às dificuldades de aprendizagem**. Porto Alegre: Artmed, 1995.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Cortez, 1996.
- _____. **Pedagogia da autonomia**: saber necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1998.
- _____. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.
- GARCÍA, Jesus N. **Manual de dificuldades de aprendizagem**: linguagem, leitura, escrita e matemática. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.
- HAGUETTE, Teresa Maria F. **Metodologias qualitativas na sociologia**. Petrópolis, Vozes, 1995. 163p.
- LOPES, Eliane Marta T. Da sagrada missão pedagógica. In: LOPES, Eliane Marta T. (Org.). **A psicanálise escuta a educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- LOPES, Maria Helena. Atividades de estudo e aprofundamento. In: LOPES, Maria Helena (Coord.) **A criança descobrindo, interpretando e agindo sobre o mundo**. Série Fundo do Milênio para a Primeira Infância Cadernos Pedagógicos, 2, Brasília: Unesco, Banco Mundial, Fundação Maurício Sirotsky Sobrinho, 2005. 136 p.
- LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar**: estudos e proposições. 9 ed. São Paulo: Cortez, 1999.
- LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli Eliza. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: Epu, 1986.
- _____. _____. 6. ed. São Paulo: Epu, 2001.
- MAJOR, Suzanne. **Crianças com dificuldades de aprendizagem**: jogos e atividades. Tradução de Ebe Aparecida Affonso Santos, São Paulo: Manole, 1990.
- MANZINI, Eduardo José. A entrevista na pesquisa social. **Didática**, v. 26-27, p. 149-158, São Paulo, 1990/1991.

MINAYO, Maria Cecília de S. Pesquisa social. Teoria, método e criatividade. In: MINAYO, Maria Cecília de S. **O desafio da pesquisa social**. 27. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

MORAIS, Antônio Manoel P. **Distúrbios de aprendizagem: uma abordagem psicopedagógica**. 11. ed. São Paulo: Edicon, 1997.

NUNES, Terezinha. **Dificuldades na aprendizagem da leitura: teoria e prática**. São Paulo: Cortez, 1992.

OLIVEIRA, Marta K. **Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento - Um processo sócio-histórico**. São Paulo: Scipione, 1993.

OSTETTO, Luciana Esmeralda. (Org.). **Educação infantil: saberes e fazeres da formação de professores**. Coleção Ágere, Campinas, SP: Papirus, 2008.

PIAGET, Jean. **Para onde vai a educação?** Rio de Janeiro: Forense, 1970.

_____. **O juízo moral na criança**. São Paulo: Summus, 1994. Original publicado em 1932.

SCOZ, Beatriz. **Psicopedagogia e realidade escolar**. 14. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

SISTO, Fermino F. Dificuldade de aprendizagem. In: SISTO, Fermino F.; BORUCHOVITCH, Evely. (Orgs.). **Dificuldades de aprendizagem no contexto psicopedagógico**. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

SMITH, Lisa; STRICK, Corinne. **Dificuldades de aprendizagem de A a Z – Um guia completo para pais e educadores**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

SOARES, Magda B. Alfabetização e letramento. In: **Caderno do Professor**, n. 12, p. 6-11, dez. Belo Horizonte, 2004.

THIOLLENT, Michael. **Metodologia da pesquisa-ação**. 16. ed. Coleção Temas Básicos da Pesquisa-Ação, São Paulo: Cortez, 2008.

TRIVIÑOS, Augusto N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

VALLE, Luciana de L. D. **Metodologia da alfabetização**. Curitiba: IBPEX, 2007.

VASCONCELLOS, Celso dos S. **Avaliação da aprendizagem: práticas de mudanças por uma práxis transformadora**. 7. ed. Coleção Cadernos Pedagógicos do Libertad, v. 6, São Paulo: Libertad, 2005.

VYGOTSKY, Lev S. **Pensamento e linguagem**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

Sites pesquisados:

<<http://www.sepq.org.br/Isipeq/anais/pdf/gt3/04.pdf>>.

<[http://www.infopedia.pt/\\$observacao-participante](http://www.infopedia.pt/$observacao-participante)>.

APÊNDICE I – Depoimentos de Moradores

Aqui, expõem-se depoimentos de moradores sobre o nascimento da cidade:

Fala do morador 01:

A comunidade iniciou em julho de 1986, onde o mesmo tinha uma barraquinha de café e bolo que se chamava entroncamento dona Rosa o nome da sua esposa. Vendia bolo e café para caminhoneiros e pessoas que ali passavam para o povoado mais próximo, onde era feita as compras (sic) na Barra do Parateca. Tinha uma linha, ou seja, uma estrada, mas ainda não existia a BR 161. Na qual o INCRA desapropriou os fazendeiros, onde pessoas de diferentes regiões foram se apossando das terras, formando a vila. A escola funcionava em um meio rural chamado Pajeú, uns três km do entroncamento. Como a vila foi crescendo através de uma votação foi transferida a escola para cá. Depois de uns três anos a população já havia crescido e juntos programaram uma festa de São João juntamente com a escola que por sorte foi muito boa e com isso o entroncamento foi batizado como Vila São João. Foi levada a proposta para câmara de vereadores e aprovada. Desde então todo ano comemora o São João com os santos festejos, e é uma manifestação cultural que atrai gente de toda a região e que as pessoas da comunidade mais gostam e participam.

Fala do morador 02:

[...] A ideia do lugar surgiu quando estava reunido com alguns colegas para tomar umas cachaças. E chamei-os para fazer uma currutela no lugar, isso foi em 85, e eles toparam. Comecei a distribuir as posses (lotes de terra) eu media nos passos e saia entregando para os caras. Quando foi no outro dia tinha aqui uns vinte barracos, fizemos tudo de tardezinha. O terreno era meu e por ai foi começando. Deixei o local reservado para construir as praças, escola, mercado, Igreja e aqui tinha uma cisterna que não era pra desfazer não, mas ela ficou dentro do mercado. Tenho maior sentimento por terem matado ela, pois foi ela que ajudou a fazer essa cidadezinha aqui. O nome Vila São João foi colocado por causa do João morador, não foi por causa dos festejos, os festejos da quadrilha foi começado (sic) pela escola. Projetei tudo aqui deixei o lugar para fazer a Igreja, o mercado, escola, mas mudaram tudo, hoje a praça que era pra ser a igreja tá lá cheia de mato, e a igreja fizeram em outro lugar.

APÊNDICE II – Roteiros de Entrevistas



Universidade de Brasília – UnB
Faculdade de Educação – FE
Curso de Pedagogia a distância

Venho por meio deste, solicitar de Vossa Senhoria a colaboração para participar, como voluntário (a), de uma entrevista contendo questões relacionadas à seguinte temática: *A dificuldade de Aprendizagem no processo de Alfabetização dos alunos 2º ao 4º do ensino fundamental*. Para elaboração do Projeto V – Fase II – Orientação do TCC – 2º 2012.

Grata pela compreensão.

Data da entrevista: ___/___/____.

Roteiro de entrevista

Nome do(a) Entrevistado (a): _____

Sexo: _____ Idade: ___/___/____

Nível de Escolaridade: _____

Natural de: _____ Estado: _____

Tempo de exercício na docência: _____

1 – Qual seu ponto de vista diante do processo de ensinar e aprender?

2– Quais os critérios utilizados para a realização das atividades a serem aplicadas em sala de aula, como elas são planejadas dentro da sua prática pedagógica?

3 – Em sua opinião a dificuldade de aprendizagem de seus alunos é decorrente de quais fatores?

4 – Em sua opinião quais as maiores dificuldades em trabalhar com alunos que representam dificuldade de aprendizagem principalmente na leitura e escrita?

5 – Quais as fontes de pesquisa que você utiliza para elaborar suas atividades pedagógicas?

- 6- Você acredita que os alunos com dificuldade de aprendizagem na leitura e escrita são capazes de se desenvolver e aprender a ler e escrever?
- 7- Os projetos que a escola trabalha e os recursos disponíveis na mesma dão subsídios para melhoria na formação dos alunos em sala de aula auxiliando no seu trabalho pedagógico?
- 8- Em sua opinião a secretaria de Educação e a escola trabalham em parceria envolvendo os professores na realização de projetos que possam resolver alguns problemas de dificuldades na aprendizagem dos alunos?

Roteiro de Entrevista

- 1- Para você qual é o significado de ensinar e aprender?
- 2- Qual estratégia a escola utiliza para analisar os fatores que dificulta a aprendizagem dos alunos no processo de alfabetização?
- 3- Em sua opinião a escola oferece suporte pedagógico para uma boa aprendizagem da criança?
- 4- De que forma a escola contribui para o processo de ensino aprendizagem das crianças com dificuldade na leitura e escrita?
- 5- A escola trabalha com projetos e desenvolve ações dentro do PPP buscando desenvolver a aprendizagem da criança? Como se dar esse processo?
- 6- Como as atividades destinadas aos alunos com dificuldade de aprendizagem são planejadas e realizadas na prática pedagógica?

Roteiro de Entrevista

- 1- Para você qual é o significado de ensinar e aprender?
- 2- Qual estratégia a escola utiliza para analisar os fatores que dificulta a aprendizagem dos alunos no processo de alfabetização?
- 3- Em sua opinião a escola oferece suporte pedagógico para uma boa aprendizagem da criança?
- 4- De que forma a escola contribui para o processo de ensino aprendizagem das crianças com dificuldade na leitura e escrita?
- 5- A escola trabalha com projetos e desenvolve ações dentro do PPP buscando desenvolver a aprendizagem da criança? Como se dar esse processo?

- 6- Como as atividades destinadas aos alunos com dificuldade de aprendizagem são planejadas e realizadas na prática pedagógica?

Roteiro de Entrevista

- 1) Você estudou? Sim() Não ()
- 2) Como foi o seu processo de alfabetização? Relate os fatos mais importantes dessa fase.
- 3) Que métodos o professor utilizava para alfabetizar os alunos?
- 4) Para você que método seria o correto para ensinar o aluno?
- 5) Você se acha que a professora de seu filho está preparada para ser alfabetizadora?
- 6) Na sua opinião por que os alunos demonstram tanta dificuldade para aprender a ler e a escrever?
- 7) O que você pensa sobre a educação nos dias de hoje?
- 8) Você ajuda seu filho a desenvolver suas atividades em casa? Justifique.
- 9) Costuma ir sempre à escola que seu filho estuda fazer uma visita? Qual horário gosta de ir?
- 10) A escola lhe recepciona bem? Como você acha que a direção da escola se sente ao vê-la acompanhando o filho?
- 11) Seu filho demonstra interesse pelas atividades propostas que envolvem leitura e escrita. Justifique.
- 12) Que condições você acha que seriam ideais para uma boa prática em sala de aula?



Universidade de Brasília – UnB
Faculdade de Educação – FE
Curso de Pedagogia a distância

Venho por meio deste, solicitar de Vossa Senhoria a colaboração para participar, como voluntário (a), de uma entrevista contendo questões relacionadas à seguinte temática: *A dificuldade de Aprendizagem no processo de Alfabetização dos alunos 2º ao 4º do ensino fundamental*. Para elaboração do Projeto V – Fase II – Orientação do TCC – 2º 2012.

Grata pela compreensão.

Data da entrevista: ___/___/_____.

Nome da Entrevistada: _____

Sexo: _____ Idade: ___/___/_____

Nível de Escolaridade: _____

Natural de: _____ Estado: _____

Tempo de exercício na docência: _____

Roteiro de entrevista

1 – Em sua opinião como é concebida a prática de ensinar e aprender?

2 - Como a escola ajuda a organizar o planejamento das atividades em sala de aula?

3 –Na escola existem muitos alunos com dificuldade de aprendizagem no processo de alfabetização?

Sim ()

Não ()

Quais as estratégias adotadas pela escola para ajudar os professores a alfabetizar esses alunos?

4–Em sua opinião a dificuldade de aprendizagem apresentada pelos alunos são decorrentes de quais fatores?

5- O projeto político pedagógico da escola trabalha com ações direcionadas aos alunos com dificuldade de aprendizagem em processo de alfabetização?

6- Em sua opinião a secretaria de Educação e a escola trabalham em parceria envolvendo os professores na realização de projetos que possam resolver alguns problemas de dificuldades na aprendizagem dos alunos?

Roteiro de entrevista com o Aluno.

- 01) O que você mais gosta na escola?
- 02) Qual atividade em sala de aula você mais gosta?
- 03) O que você acha do lanche, ou seja, da merenda da escola?
- 04) O que você acha dos professores?
- 05) Você tem vontade de ler?
- 06) O que você quer ser quando crescer?
- 07) O que você acha da escola ela é boa ou ruim?
- 08) O que você queria que melhorasse na escola?
- 09) O que você quer que continue como está?
- 10) Sua mãe te ajuda na tarefa de casa?
- 11) Você gosta quando a professora passa tarefa de casa?

APÊNDICE III – Termo de Consentimento

Universidade Aberta do Brasil/Universidade de Brasília

Curso de Pedagogia – Trabalho de Conclusão de Curso

Termo de Consentimento

Caro(a) entrevistado(a):

Sou aluna do último semestre do curso de Pedagogia UAB/UnB, e estou realizando uma pesquisa sobre dificuldade de aprendizagem no processo de alfabetização. Para isso estou realizando esta entrevista em forma de questionário que irá me ajudar a refletir sobre essa questão, que é tão importante para a educação. O seu relato e suas respostas serão mantidos em sigilo e servirão somente para fazer parte do meu trabalho de conclusão de curso, o TCC. Se você aceitar colaborar comigo neste trabalho, fico muito grata. Para isso, preciso de seu consentimento livre e esclarecido.

Estou ciente dos propósitos da pesquisa e aceito colaborar. _____

Assinatura: _____ Data: _____

Estou ciente dos propósitos da pesquisa, mas não aceito colaborar. _____

Assinatura: _____ Data: _____

APÊNDICE IV – Perfil do(a) Entrevistador(a) Colaborador(a)

Perfil do(a) Entrevistador (a) colaborador(a)

Nome:

Idade: _____

Local de nascimento:

Formação: ___ superior ___ superior incompleto ___ Ensino Médio completo

Curso que fez: _____

Nome da Instituição em que fez o curso: _____

Estudou em Instituição pública ou privada? _____

Quantos anos você tem de experiência no magistério no Ensino Fundamental, séries iniciais? _____

Instituição em que trabalha:

ANEXO – DVD – Pesquisa na Íntegra